

Claret
-0. NOV. 1990

AVULSO

1.20 ESC.

ANO III - N.º 116

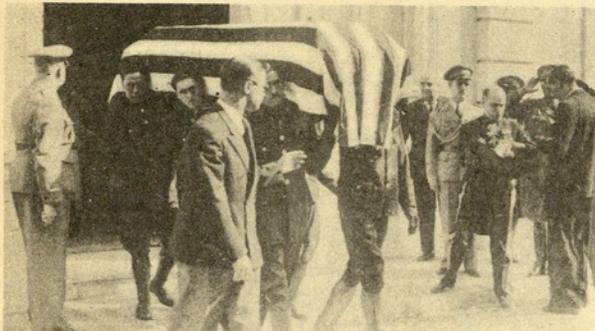
5
AGOSTO
1943

O padre Cruz, meigo velhinho e amor dos pobres e tristes, fez mais um ano. Quantos, ao todo? Não importa. Ele é uma legenda da vida eterna e os dias, para as almas que se purificaram nas dores humanas, cristalizam e já não contam...

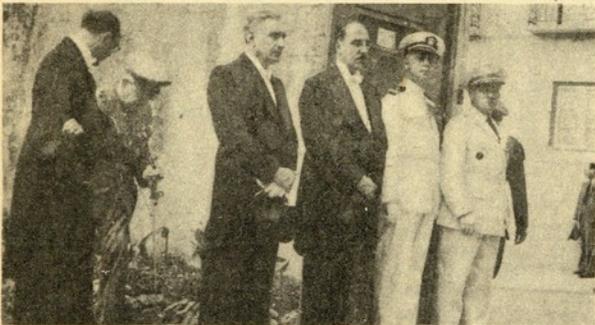
Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanaário gráfico de actualidades

Actualidades GRAFICAS



Damos, nas fotos, alguns aspectos do funeral do sr. ministro da América. Aqui a rica urna, é retirada do palácio da legação.



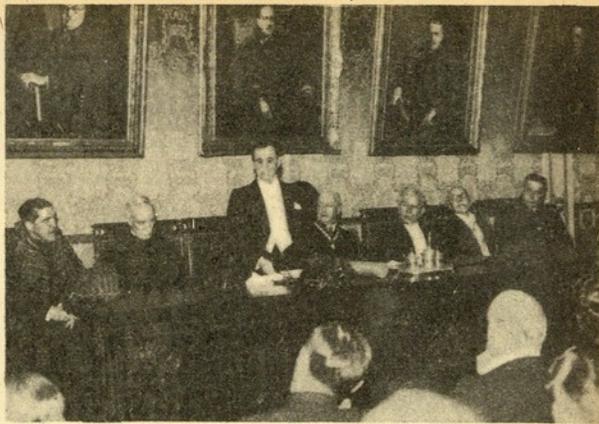
O sr. Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros, com os adidos militar e naval americanos, aguarda no cemitério a chegada do préstito funebre.



Quando passava no Largo da Estréla, as forças de infantaria, devidamente armadas e com capacetes de ferro, estendiam-se...



Lisboa passou a ter um ministro, representante do Chile. É o sr. dr. Luiz Felin, que vemos na foto, quando no Aviz Hotel falou aos jornalistas portugueses.



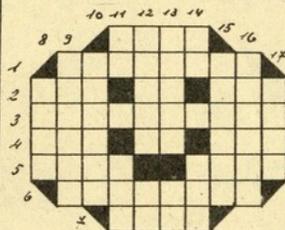
O sr. embaixador do Brasil, sr. dr. Neves da Fontoura, foi recebido na Ordem dos Advogados, onde pronunciou um discurso, notável de clareza, de idéias e de feição.



Foi uma festa de rara elegância e concorrência, a que se realizou, há dias, em Espinho, para inauguração do salão nobre do grande Casino de Espinho. Além de animado baile, exibiram-se ali dos melhores artistas da cena portuguesa.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 75



Desconfiado. 6 — Pranto. 7 — Terreno onde se debulha trigo. 9 — Cartá geográfica.

VERTICAIS: 8 — Clima. 9 — Homem bruto. 10 — Porquinho da Índia. 11 — Injusta; Obra. 12 — Prostra; Graça. 13 — Régua, com que se mede a altura de pipas e tonéis; Caminhão. 14 — Paralisia; Patrão. 15 — Liga. 16 — Cidade do Brasil. 17 — Flor da roseira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 74

HORIZONTAIS: 1 — Morreram. 2 — Orama. 3 — Alam; Mi; Ocam. 3 — Mar; Sara; Agi. 5 — Arão; Na; Amã. 6 — Rir; Saia; Aer. 7 — Raiar; Farsa. 8 — As; Dó; Ia.

VERTICAIS: 1 — Amarra. 2 — Oleria. 3 — Araria. 4 — Tom; As. 5 — 12 meses; Viração; Oceano. 3 — O que vive no Riba-Tejo. 4 — Nome de mulher; Ela; Arrás. 5 — Va para fora; 11 — Paguez. 12 — Mítram.

Vida
MUNDIAL
de Lisboa

PUBLICA-SE TODAS
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSE CÂNDIDO GODINHO

EDITOR E PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA

TELEFONE: 25844

LISBOA PITORESCA

Os Burros da Ribeira

TAMBÉM SÃO POBRES DE CRISTO...

MANHÃZINHA, ainda o sol ensonado vem a espreitar dos montes da Outra-Banda, e já na cidade um tumor de vida se presente! É a faina daqueles a quem o fôfo da cama não dá azo a tardanças. Bons madrugadores, o trabalho começa logo que o galo, vitorioso, canta o amanhecer. Desses bairros pobres, lá dos cimos apertados de S. Vicente, onde cada rua é um carroiro de três palmos, nas vielas atravancadas da Mouraria, dos lados da Sé, Santa Isabel e Madragoa, uma verdadeira população começa a girar, ligeira, batendo o chinelo de trança, que é bom para as caminhadas. A faina destes humildes trabalhadores barra-se ali à beira do Tejo—ou no frigorífico onde se arremata, num alarido, o peixe da lota, ou na Ribeira para mercar as hortaliças aos fazendeiros. De modo que a Rua do Arsenal, a Boavista, o Atêrro, em certas manhãs, com as longas filas de burros, as cangalhas, as balanças que, chocalhando, produzem um estranho ruído, oferecem um curioso espectáculo: dir-se-ia uma debandada bíblica, neste século em que a electricidade atinge o auge. Lisboa acorda de manhã, com os pregões frescos dos vendedores ambulantes. Sobre tudo, nos bairros distantes, onde o mercado é luxo, o vendedor já tem, porta sim, porta não, os seus fregueses certos da mão de nabos, bem regateada, e um pedaço de *cheiros*, que consolam, no refogado. Os saloios vieram à bôca da noite, com as carroçadas de hortaliça. E ficam por ali, nas imediações da praça, à espera que se faça claridade e a Câmara dê ordem para a venda. Trazem ainda a bota de vaca, cardada, e as calças cingidas à canela; cinta larga, barrête, farripas de cabelo a cairem sobre os olhos desconfiados. Conversam pouco: «as couves são a dez a dúzia e, nem que venha Cristo, é menos um tostão!» Sobre o lajedo, há montanhas de feijão carrapato, tomates, molhos de nabijas, couves repolhudas, frutas apetitosas. Faz-se roda. Os ambulantes deixaram os burros a trincar cenouras, ali no Largo, mesmo pegado à Ribeira. Muitos não têm dinheiro para comprar uma saca de feijão ou um cabaz de tomates mas arrancham, compram a meias. Depois, dividem, amigavelmente, com a balança à vista, que esta não se fez para outra coisa. Às vezes, o fazendeiro está renitente, por via duma «coroa».

Meteu-se-lhe na cachimónia que o seu feijão é *sêda*—e vai de pedir por êle o preço de crepe da China. O vendedor, já batido, franze o sobrolho. E para lhe fazer negaças vai de encontrar defeitos: «que tem bicho, que é rijo como pau, que é da colheita passada.» O fazendeiro encolhe os ombros. Limpa os beijos da meia-canada da rija que trás sempre na cabaca (por receita caseira contra os micróbios da cidade e águas que andam nos canos) e, a sorrir, finge não perceber: — «Se quiere, pegue-lhe! Olhe, que dêste não o fisga por aí...»

— «Mas abata duas corôas! Que diacho! vocês esquecem-se que estão a vender para um freguês de dez anos...»

Não há forma. Já o empregado deu o segundo toque para levantar a praça—e o feijão volta para a carroça. Por fim tira o barrête, coça o cocuruto, repuxa duas fumaças do cigarro que lhe queima os beijos e lá chama:

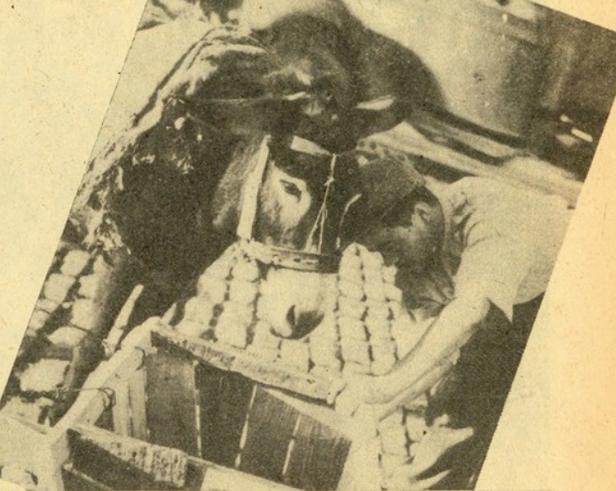
— «Eh! ó Xico da Bica! o feijão é teu! Lá me levaste, mais uma vez...»

E parece que sim. O Xico da Bica já é vendedor há trinta anos. Começou, garoto, de calças fundilhadas, uma boina atrevida, a calcurrear a cidade, ainda com o débil pregão. Depois, mais tarde, quando o buço lhe espigou, conheceu a Rosa, uma varina esbelta, chinela pespontada, pernas nús, morenas, que lhe pôs a cabeça à roda. Casaram. Vieram os filhos. A vida continuou a girar. Já tiveram dez burros—uns morreram, no palheiro, junto da barraca onde moram esticados com a moléstia, que nem veterinário atinado dá com ela. E o negócio é sempre o mesmo: comprar na praça, para vender na rua. Pagam a sua contribuição. Fazem o seu negócio, honradamente. Este Xico da Bica é um símbolo de vendedor ambulante. Mas, como êle, há milhares. Todos trabalham, todos lutam pelo pão de cada dia. A vida tem os seus lances de epopeia. O trabalho é uma delas. Pela manhã, logo nos alvares da madrugada, há uma população que se levanta da cama, que corre, mesmo que o vento ou a chuva chicoteie cá fora, à procura do ganha-pão—que é, paradoxalmente, dar de comer aos outros.

Os bairros pobres esperam o vendedor. Têm a certeza que êle foi à praça e trás, nas cangalhas do burro, as couves repolhudas. E ainda êle vem à entrada da calçada já o seu pregão alvorçar!

Só o burro, pobre de Cristo como o dono, sempre triste, pensativo, faz às vezes partidas ao dono—e reclama aumento de ração e uma folga por semana...

MANUEL MARTINHO





A Itália celebrou, recentemente, o Dia do Exército e do Império. A cerimônia da condecoração dos combatentes revestiu-se de funda emoção e expressivo significado patriótico, como se vê na foto, em que o Rei Victor Manuel coloca ao peito de um herói o prêmio do seu valor-abnegado.

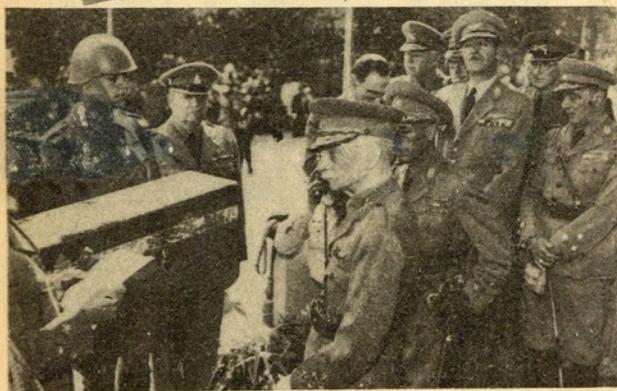


A NAÇÃO ARMADA

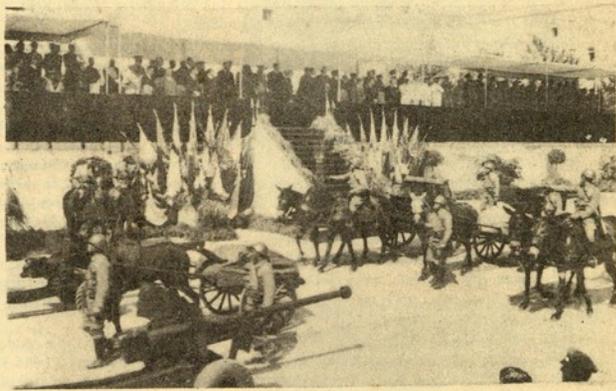
DESEFILOU

PERANTE O
CHEFE DO ESTADO

O Exército prestou eloquente homenagem ao Chefe do Estado, com a oferta de uma espada de honra. Na foto, vemos o sr. general Pereira dos Santos, colocando à cinta do sr. Presidente de República, a valiosa jóia de joalheria.



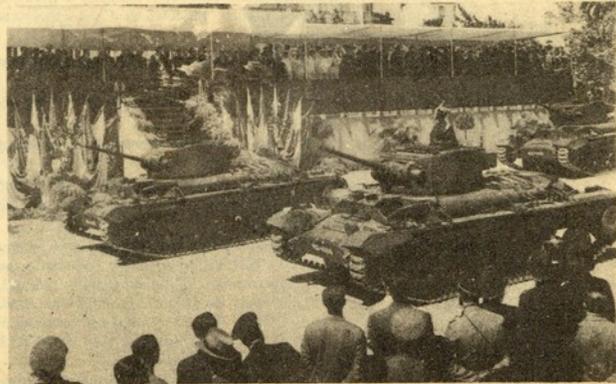
1—O sr. major general do Exército lê ao sr. Presidente da República a mensagem do Exército.



2—A artilharia, passando diante da tribuna do sr. Presidente da República, faz a continência do estilo.



3—Mais artilharia motorizada passa de frente da tribuna presidencial, onde se encontram todos os membros do Governo.



4—Tanques médios, da mais moderna construção, passam sob os aplausos do público que acorreu entusiasmado.

“JORNALISTAS PORTUGUESES ESTA CASA TAMBÉM É VOSSA...”



Caricatura flagrante de Herbert Moses.

SEMPRE estive convencido de que pôr em foco os bons exemplos, é aumentar-lhes a possibilidade de serem úteis. E é, por isso, que às vezes me ponho a falar de certas coisas brasileiras que não nos ficava mal imitar.

Dentre elas, essa famosa Associação Brasileira de Imprensa tem para mim um poder de sedução irresistível. É que, tendo-lhe acompanhado alguns os incertos passos por alturas de 1929 e 1930, posso hoje — ainda seu associado — avaliar bem, em toda a sua grandeza, o esforço realizado e o milagre conseguido por esse homem dinâmico que por completo se lhe consagrou e conseguiu tornar-se um «ditador» que os mais firmes demagogos, os mais intransigentes liberais aceitam com simpatia, ajudam com interesse, aplaudem com entusiasmo.

Esse «ditador» é Herbert Moses. A ele se deve, na maior parte, o que é hoje a Associação Brasileira de Imprensa — a célebre A. B. I. — o prestígio de que goza, os favores que os poderes públicos constantemente lhe prestam, os grandes donativos que o Governo generosamente lhe tem concedido e que só em terreno e possibilidades de construção da sede social, somam bastantes milhares de contos.

São, ao mesmo tempo, inumeráveis as regalias conseguidas por intermédio da A. B. I., graças à persistência do seu Presidente, e não só para os profissionais, mas também para as próprias empresas — dentre as quais não será para desprezar a isenção de direitos sobre o papel de jornal adquirido no estrangeiro.

É que os objetivos da Casa dos Jornalistas foram sempre a coesão da classe, e a sua progressiva dignificação e a sua projecção no futuro da Pátria tem um alcance considerável.

Herbert Moses foi o elemento que com o seu tato diplomático — ou ele não tivesse sido familiar do Itamaraty nos tempos gloriosos de Rio Branco — com o seu dinamismo irrequieto, com o seu entusiasmo, a sua teimosia, conseguiu prender todos aqueles que o têm rodeado, não lhes deixando ter um só momento de desfalecimento. Por isso, hoje, todos os seus colegas o consagram, porque o nome de Moses «conseguiu impor-se à estima e à admiração da classe tão difícil de satisfazer»!

Há dias, chegou-me às mãos, graças a um correspondente anónimo e amável, a quem devo com regularidade a remessa de notícias brasileiras que me permitem manter um constante contacto com esse Brasil amado, um recorte de certo jornal carioca, onde está transcrito o parecer da Comissão Fiscal sobre a gestão administrativa da Associação Brasileira de Imprensa no período de 1942-43.

Se desejam ter uma idéia atordoante da situação actual deste organismo máximo dos jornalistas brasileiros — e falo, principalmente, ao caro jornalista camarada — depois de percorrerem os olhos pelas gravuras juntas, ponderem um pouco sobre o significado destes números:

O balanço apresentado atinge o montante de Cr. 17.656.321,92, que podem ser traduzidos assim para os portugueses escudos, admitindo o câmbio par: 17.656.321\$92.

Mas quero impressioná-los mais, descendo a pormenores. Aí vão: valor atribuído, no momento, ao terreno onde está edificada a Casa da Imprensa: Cr. \$5.000.000,00, valor que tende a aumentar porquanto é comedido, sem acompanhar a valorização exagerada que a loucura da hora presehte justifica. Do total do activo, que se eleva a Cr. \$16.676.781,92 é justo salientar as rubricas «imóveis» que atingem a soma de Cr. \$14.328.611,80 e «móveis, utensílios e almoxarifado», no total de Cr. 1.450.439,86.

Como se vê, tudo aos milhares de contos...

A receita geral ascendeu a Cr. \$1.188.640,72 contra Cr. \$950.537,90 do anterior exercício.

Sem me prender com outros números, quero, entretanto, apontar o saldo positivo deste último exercício, que é de Cr. \$672.243,39.

Será preciso mais para dar na medida justa a importância da A. B. I. orgulho de todo o jornalista brasileiro?

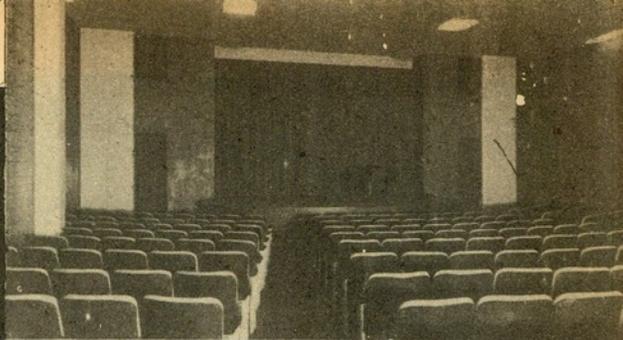
Não encerraremos estas notas sem acentuar a contribuição que a A. B. I. tem dado para um maior estreitamento entre jornalistas brasileiros e portugueses e sem recordar algumas das afirmações que Herbert Moses me fez:

— «Não precisamos de reafirmar as nossas simpatias por Portugal e os portugueses. Elas, sem dúvida, contribuem em muito para a obra de aproximação jornalística que realizamos; mas consideramos, acima de tudo, a necessidade desse intercâmbio cultural, como complemento da perpetuidade da raça, da difusão da língua, do culto das tradições».

São esses desejos que o ilustre presidente da A. B. I., o infatigável jornalista Herbert Moses, não se cansa de manifestar em palavras e obras provando sempre que a A. B. I. é, como ele diz... «jornalistas portugueses, também uma casa vossa...»

Hoje, mais do que nunca, os jornalistas portugueses estão procurando compreender essas afirmações, senti-las, corresponder-lhes.

GASTÃO DE BETTENCOURT



Neste auditório da A. B. I. onde se realizam saraus de arte e conferências, poderemos assistir à passagem de um filme...



Que nos mostra esta repoussante sala de fumo, convidativa pelo seu luxo sóbrio e elegante...



E nos leva ao terraço, no 14.º andar, onde costumam realizar-se quí-mados almoços e «cock-tails»...



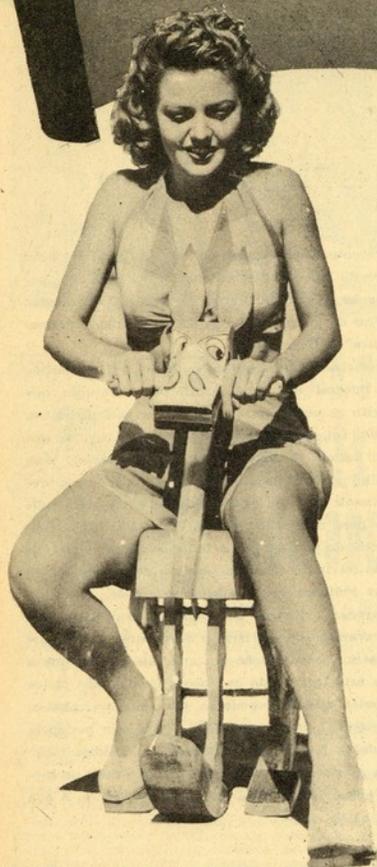
Enquanto esta outra imagem nos mostra uma sóbria casa de jogo, uma das mais luxuosas instalações da A. B. I.



Finalmente, vejamos esta entrada para o terraço e abeiremo-nos com a objectiva para disfrutar o magnífico panorama...

7 DIAS DE CINEMA

POR
Fernando Frago



A equitação tem nas praias americanas esta estranha expressão, que tanto parece interessar Jean Rogers

QUANDO apareceram nos seus estúdios, a Metro resolveu experimentá-las no mesmo filme. E foi assim que Deanna Durbin e Judy Garland surgiram no «complemento» que passou quase despercebido, entre nós, e que se intitulava «Todos os Domingos». Era a história de uma aldeia, dividida em dois grupos: os que preferiam a música de «jazz» e os que só admitiam o repertório clássico. A velha filarmónica que «todos os domingos» dava concerto no coreto, erguido no meio da praça, via-se em palpos da aranha para congraçar os «diletanti» desavindos. E, por via de regra, se optava por um dos géneros, desagradava à outra facção e se entremecava a ópera com o «swing» irritava os dois sectores... Deanna e Judy, no filme, resolviam mostrar que a música moderna e a música clássica têm, por igual, os seus encantos e rematavam a demonstração cantando, em dueto, uma peça lírica e uma canção de «jazz», em perfeita harmonia musical...

Quando a Metro, em face das provas dadas pelas duas vedetas «in-herbis», se decidiu por Judy e se desinteressou de Deanna, não faltou quem comentasse «o tremendo erro» dos produtores. E a convicção criou raízes, à medida que Deanna galgou a escada da glória, que Judy, atrasada, ia pisando cautelosamente...

O tempo, que é o grande juiz dos homens, acabou por dar razão aos produtores que preferiram Judy Garland. Deanna parece ter perdido com a idade grande parte do seu interesse, como vedeta da tela. Judy, pelo contrário, à medida que desabrocha em toda a sua graça de mulher, afirma-se, de dia para dia, cada vez em melhor forma. Está uma actriz admirável, tão grande na comédia como no drama, e quase insuperável no género musical. Representa, canta e dança com uma segurança e um à-vontade, surpreendentes.

«Um amor de rapariga» não é por certo o seu melhor filme. Nem tão pouco o mais recente. Mas documenta, à evidência, a versatilidade de Judy Gar-

land — actriz admirável, que soube vencer, sem quasi se dar por isso, a barreira que no cinema constitui a transição de garota para mulher.

* * *

Milu está a filmar em Espanha. Leitão de Barros foi autorizado superiormente a deslocar-se a Espanha, em missão cultural que se prende com o intercâmbio cinematográfico entre as pátrias irmãs. Armando Miranda, Vergílio Teixeira e Leonor Maia foram contratados também, ao que se diz, para actuar nos estúdios do país vizinho.

Com grande assombro dos espanhóis que nos visitam, *La Dolores* e *Aixa*, que estão longe, mesmo muito longe, de nos dar o índice atingido pela produção hispânica, alcançam, em Portugal, um êxito invulgar.

Os filmes portugueses, por seu turno, vão começar a passar nas telas de Madrid e Barcelona.

Estes factos, parecem levar-nos à convicção de que o anunciado e desejado intercâmbio cinematográfico luso-espanhol é um facto — e se anuncia sob os melhores augúrios.

* * *

Orson Welles, depois da «Jornada do Médico», deixou de trabalhar para a RKO-Rádio, que lhe aturra as exigências e os caprichos — e correu aqueles riscos inerentes a todos quantos entregam a indústria nas mãos dum homem talentoso, que pretende conquistar uma posição a golpes de audácia, e cuja inquietação renovadora corre parelhas com um excesso de pessoalismo e de desequilíbrio, agravados na tela, por força do próprio poder do espectáculo e da sua «ampliação»...

A «Jornada do Médico» revela-nos um Orson Welles de «pantufas», um Orson Welles que parece ter medo de se expor demasiadamente. O facto de Norman Forster — realizador da série «Mr. Moto» — ter dirigido o filme deve ter pesado no equilíbrio de todos os valores do espectáculo, que se desenrolava, perante a tensão do público, preso do desfecho da historietta que lhe servia de base.

Estará Orson Welles, no termo da sua carreira? Cremos que não. É certo que a Fox, proferiu aproveitá-lo, como actor, em «Jane Eyre». Mas Alexandre Korda contratou-o, por sua vez, e confiou-lhe a direcção de «A Guerra e a Paz», que vai produzir em Londres.

Quanto a nós, Orson Welles evoluiu. O «sarampo» cinematográfico dos seus primeiros filmes — já lá vai. E esperamos, agora que está sob a tutela de Korda, assistir à ressurreição do realizador — mais equilibrado, menos «louco», senhor das suas próprias qualidades, liberto dos seus incontestáveis defeitos...

* * *

O êxito de «Vitória do Deserto» — a que nos referimos largamente, no nosso número transacto — prossegue. Em pleno verão, a reportagem cinegráfica da campanha do Oitavo Exército regista enchentes sobre enchentes. O público precipita-se ainda para ver as primeiras imagens do desembarque aliado na Sicília. A guerra ruge, em todas as frentes, e o cinema, fruto da inquietação do Homem, reflecte, na tela, as imagens que documentam essa outra inquietação maior, que traz o mundo, ansioso, em sobresalto.

* * *

Greer Garson casou-se. «A melhor vedeta do ano» — prémio da Academia Americana — conheceu

Richard Ney, que havia de ser seu marido, durante as filmagens de «Miss Miniver». Ela era a mãe — e êle, o filho! O destino quis que toda a ternura filial se convertesse num daqueles amores avassaladores que, até em Hollywood, levam ao altar...

N. R. — Por lapso lamentável, não demos, no último número, a assinatura da crítica ao filme inglês «Vitória no Deserto», feita pelo nosso prezado colaborador Fernando Frago. Damos gostosamente este esclarecimento, aliás dispensável para a maioria dos leitores, já habituados ao brilho e justeza crítica de Fernando Frago e aptos, portanto, a identificar os seus trabalhos.



Charles Winninger e Judy Garland, que bem podemos considerar «um amor de rapariga»



Ann Rutherford apresenta o novo modelo de fato de banho

NA ÍNDIA ETERNA

NEHRU

é o homem de amanhã...



O patriota Nehru, o homem que domina o futuro indiano

CERTOS exageros de nacionalismo que degenera tantas vezes em excessos de consequência contraproducente, é um sentimento que começou a contagiar a Índia. Propagandistas fanáticos introduziram os «mots d'ordre» de independência nacional na Índia, e desencadearam um movimento que evoca as lutas de libertação dos povos europeus. Mas, o nacionalismo importado da Europa, tão alheio à sua mentalidade, colheu de surpresa as multidões oprimidas da Ásia, sem nexos com a sua tradição e a sua História. «Não houve uma passagem lenta do passado para o presente. Eis a razão por que a nova era assolou o nosso país, semelhante a uma avalanche irresistível, rompendo os diques e arrastando consigo toda a nossa prudência e os nossos receios. Nem sequer tivemos tempo para meditar ou compreender o que sucedera ou o que devia suceder». Estas palavras de Rabindranath Tagore, na sua obra memorável «A Casa e o Mundo», revelam o suficiente para se entender a complicada questão indiana. As massas asiáticas vegetavam num estado de absoluta submissão, quando os agitadores que propagavam o nacionalismo e o culto da nação se acercaram delas, sem que o povo estivesse apto e preparado para receber o ideal do nacionalismo na sua forma europeia. A transição do passado para o presente deparou com obstáculos quase insuperáveis. O salto repentino da Idade Média para o século XX foi, sob muitos aspectos, de consequências funestas. Os escravos de ontem não conseguiram ainda alçar-se a homens livres de hoje. O contacto da civilização europeia com a cultura asiática, a qual representa a acumulação da sagacidade e sabedoria oriental de centenas de gerações, produziu um choque que destruiu a tradição e abandonou a perplexidade no seu lugar. Daí provém todo o caos insolúvel e toda a complexidade do problema indiano. Porque é ele, mais do que um problema político, sobretudo, um problema espiritual. Todas as tentativas feitas até hoje, para o resolver, fracassaram, porque se deixaram guiar por factores de ordem exterior, sem penetrar no fundo da questão. Se amanhã concedessem a liberdade e independência à Índia, seria apenas pelo caminho para a emancipação definitiva. O resto é com os próprios indianos, que o devem resolver sem quaisquer ingerências estrangeiras.

Pela sua extensão e pela sua envergadura, as evoluções e transformações que se operam no vasto continente asiático devem ser forçosamente lentas e ponderadas. O nacionalismo europeu que contaminou largas camadas da população indiana não apareceu lenta nem ponderadamente. Daí, a facilidade com que deslumbrou as multidões. «Nem sequer tivemos tempo para meditar» — afirma Tagore, e com razão.

O sorriso da alma asiática é sábio, filosófico e complacente. A Ásia sabe que existe desde que há memória, e que há-de existir sempre. A natureza

que a cerca é gigantesca, como tudo, neste continente, com os vales e as cordilheiras duma vastidão sem par na Europa, rios tão largos como pequenos lagos, árvores que evocam gigantes adormecidos e oceanos de vegetação sem fim. Quando os povos asiáticos eram mais novos, também eram mais duros e impacientes. Quando os primeiros indianos, um povo aguerrido e impulsivo, desciam dos planaltos iranianos para as planuras infinitas, sulcadas pelo Indo e pelo Ganges, sentiam-se de posse duma juventude pujante e vigorosa. Sedentários, tornaram-se flegmáticos e fatigaram-se de combater. E, em vez de avançar mais além, penetraram nas profundezas do seu próprio ser, e aprenderam que tudo é passageiro — o tempo e o espaço — e só o espírito é eterno.

Hordas de conquistadores assaltaram a Índia. Tronos de vastos impérios surgiram e tornaram a decair, reduzidos a cinza que se misturava com a poeira dos séculos. Sob a dominação de déspotas muçulmanos e mongóis, o povo indiano perdeu o sentido pela glória e pelas ambições terrenas. A sua cultura, baseada em tradições vetustas, permitiu-lhe agüentar o embate dos séculos com calma serena. Os dominadores estrangeiros surgiam e desvaneciam-se, sem que se desse por isso, sem que o povo se revoltasse. É que a Índia não destrói os seus invasores — engole-os.

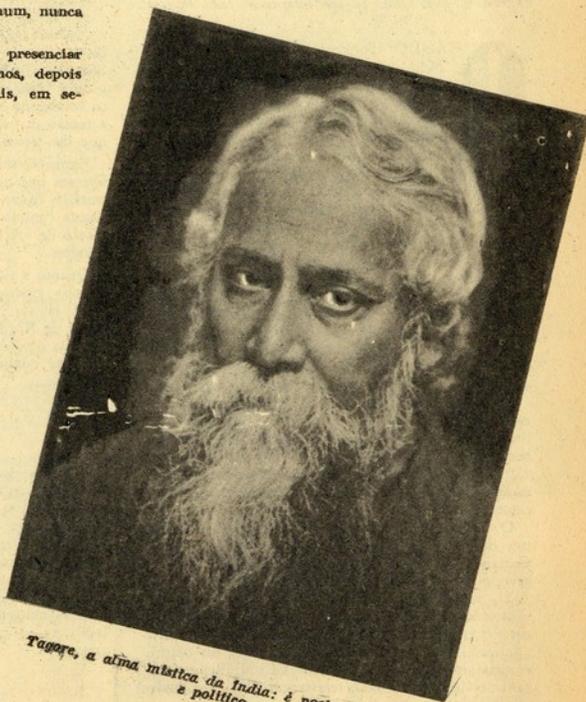
Os indianos, como os chineses, são, pela sua índole e pelo seu carácter, um povo pacífico, pouco dado às guerras e rebeliões. Facto é, por exemplo, que ambas as nações, a indiana e a chinesa, que constituem os dois maiores impérios do mundo, apesar de possuírem uma fronteira comum, nunca travaram guerras entre si.

Quanta gente não terá estranhado, ao presenciar a absoluta falta de reacção dos indianos, depois da prisão dos seus «leaders» principais, em seguida ao fracasso da missão Cripps? E, no entanto, haverá alguém que milhões de indianos não tiveram ouse afirmar que os quatrocentos energias ou forças para se sublevar? Porém, com excepção de alguns distúrbios insignificantes, nada ocorreu. Fatalismo oriental? Longe disso. Apenas uma instintiva repugnância pela efusão de sangue, aliada a um exímio sistema de organização e uma disciplina cívica exemplares.

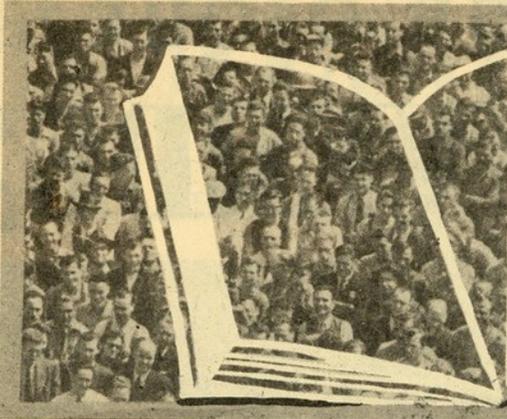
Naquela dramática conjuntura, quando o talento diplomático de Sir Stafford Cripps fracassou perante a firme recusa dos chefes do Congresso Indiano, muita gente supunha que a Índia perdera a maior «chance» da sua História. Hoje, à distância de alguns meses das negociações, que então apaixonaram o mundo, verifica-se que não é tanto assim. Os chefes indianos exigiram a independência do seu país, dentro dos limites razoáveis, exigência plenamente compreensível, apesar de tudo quanto se possa alegar contra ela, pois que cada nação, de mais a mais tão grande em número e em cultura como a indiana, deve ter o direito de determinar os seus próprios destinos. Eles estavam convencidos de

que eventuais promessas, obtidas da Inglaterra num momento em que esta se encontrava com os japoneses às portas da Índia, não seriam respeitadas no fim da guerra, como já sucedeu quando acabou a outra conflagração.

Preferiram continuar na oposição, até à realização integral das suas aspirações, resolução que impeliu as autoridades britânicas a enclausurá-los. Gandhi foi, decerto, longe de mais, ao declarar que tanto valiam os ingleses como os japoneses. Mas, Gandhi pertence ao passado. Nehru é a figura predominante da Índia de amanhã. Ele é o homem indicado para representar a sua Pátria na futura conferência da paz, em que a Índia apresentará as suas justas reivindicações. Mais de um milhão de voluntários indianos que combateram ao lado dos seus camaradas britânicos em todas as campanhas que se travaram entre Bizerta e Singapura, e a importantíssima contribuição em matérias primas que a Índia está fornecendo às Nações Unidas, são factos concretos que não poderão passar despercebidos. Entretanto, a Índia aguarda o futuro com paciência oriental e fé nos seus destinos. Na história milenária do povo indiano, alguns meses a mais ou menos, pouca importância têm. A Índia espera. A sua hora há-de chegar.

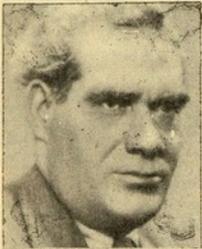


Tagore, a alma mátrica da Índia: é poeta, filósofo e político



Das livros e DOS HOMENS

★
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS



OUVINDO Assis Esperança

Depõe hoje neste breve inquérito semanal o nome prestigioso de Assis, Esperança, romancista e novelista. O autor de «Genie de bem», «Ressurgir», «O silêncio» e outras obras poderosas, responde com desassombro e vigor às perguntas que lhe fizemos:

— Em que está trabalhando?

— Num romance. Já o tive pronto — quinhentas páginas — e dei-o abaixo. Fui relê-lo; não gostei. Vai para três anos, baptizei-o e os jornais noticiaram-lhe o aparecimento. «Ainda há luz nos montes». É possível que o crisma. Parcerá outro...

— Qual é o seu conceito de romance? Romance realista, romance de tese, romance poético ou romance populista?

— Há anos afirmo que cada Autor é um caso. Não sinto a necessidade de reformar a observação. Consueto, sim, considero, o romance de tese o mais perigoso — desses quatro géneros — quando pretensões apocriásticas ou facciosamente, levar a água ao nosso molinho falsificando os problemas e a Vida — governando as nossas personagens em vez de as recrutarmos em vários «climas» e deixarmos-las viver por tal forma livres, que o fim em vista resulte de choque de caracteres.

Romance realista, romance poético? — Se não quis nos levar em linha de conta que o próprio assunto condiciona a sua realização, um Autor, mais do que por moda literária, é governado, como é primário, pela sua cultura e sensibilidade. Não desconheço, quem há que se desconheça?, as doutrinas daqueles que se batem pela arte que chamam desinteressada, mas entende que construindo um bom romance, por exemplo, e nele pondo idéias, não só faz, de facto, Arte, como vai ainda mais além.

Olhos em volta. Ninguém pode abstrair-se daquilo que o cerca: paisagem, meio, época. Em todos os tempos assim foi — e será. O escritor, sensível, emotivo, reflete a tragédia ou a euforia ambiente. O drama religioso da Renascença deu um Dante; a cavalaria andante deu um Cervantes; os descobrimentos, um Camões. A arte não tem que se importar com a dor humana? Isso é esteticismo de indiferentes e deriva, em linha recta, da educação de cada qual e dos artificios e das conveniências do dinheiro. Se, no passado, os homens «livres», portadores duma doutrina, não tivessem sentido bem intensamente e muito mais até, que os próprios escravos, o crime moral que a escravatura representava, quantos de nós não estaríamos ainda hoje à venda numa praça pública?

Este e tantíssimos outros problemas não encerram em si a potencialidade da Arte? — O xadrez subtil da inteligência pode interessar-me, mas continuo, confesso, a admirar Balzac. De resto, a minha presença no mundo actual não consente, nem eu quero, isentar-me das consequências das tragédias que tudo arrastem e sobrelevem.

— Acha que o fenómeno Guerra influencia a literatura de ficção?

— Certamente. Pode um Autor, com a pretensão de que a sua Obra resista ao tempo e sempre com tinta actual pela verdade humana das suas personagens, constranger-se a ignorar as condições morais e económicas de determinada ocasião? Mas isto dura enquanto a Guerra, com as suas ulteriores consequências, não determine as novas condições de vida da humanidade. Pondo de parte os autores oportunistas para quem aquele fenómeno constitui uma «modalidade» literária e o exploram quer documentando-o, quanta vez apenas com a imaginação e didacticos, quer aproveitando-lhe uma ou outra faceta que os sucessos temporariamente criem, — ficam os outros, a minoria, talvez, mas um grupo que não quer falsificar a sua missão fabricando um mundo para seu uso e deleite.

ROMANCES BEM OU MAL INTENCIONADOS

DIR-ME-ÃO, evidentemente, que, em rigor, não há romances mal intencionados, por isso que uma obra de arte verdadeira e profunda tem que estar fora e acima de intenções — quaisquer que elas sejam e um autor não vai propositadamente «mal intencionar» o seu romance. Claro. Mas o erro estará na raiz da própria criação romanesca: uma obra de ficção não pode ser intencional.

A questão levar-me-ia muito longe e o problema, tal como é hoje se apresenta aos nossos olhos, sofre dos aspectos mais contraditórios; Erico Veríssimo tenta equacioná-lo, no seu último romance, a que já nestas colunas me referi — mas não lhe dá, sequer, um esboço de solução. Por mim, não escondo que a intervenção directa do romancista na vida contemporânea é um dos meus mais constantes motivos de apreensão intelectual. Não intervindo, não tomando parte na batalha das idéias, o romancista recusa-se ao Homem. Mas desde que, nessa batalha, tome partido, seja ele qual fôr, e mesmo involuntariamente, a pureza da obra de arte criadora corre os maiores riscos. É certo que a realidade *viva* não pode ser desprezada nunca pelo romancista, nem este deve pôr a sua inteligência especulativa acima da própria realidade, que, em nenhum caso, tem o direito de traí-la. Mas uma coisa, quere-me parecer, é a *vida* e outra, bem diferente, são as *vidas*...

Ocorrem-me estas considerações a-proósito dum novo romance dum novo romancista: *Vidas raras*, de Eduardo Azevedo. (Portugália, depositária). É muito frequente agora entre autores novos uma propensão marcada para a intencionalidade novelesca. As coisas não acontecem, obedecendo a um determinado sentido mas sim porque o autor do livro as faz acontecer, de propósito, como que se servindo dos elementos de que dispõe para, por seu turno, servir também uma determinada idéia inicial. É o problema das boas ou más intenções em literatura. Das boas está, com se sabe, «o Inferno cheio». Das más, não reza a História.

Eduardo Azevedo quis dar ao leitor um quadro de determinadas vidas — vidas «razas», como é próprio lhes chama — e teve a preocupação, quanto a mim excessiva, de não traír a realidade. Esta «não-traição» da realidade, não quer dizer realismo, porque o realismo mesmo quando *reproduzia*, de certo modo transmutava. Eduardo Azevedo quasi que se limita a reproduzir e como as suas personagens não têm suficiente subjectividade, o intencionalismo do livro prejudica as qualidades que porventura tivesse. Isto é: o autor conta de fora para dentro. Não convence o leitor da experiência própria que tornou possível a sua obra. Diz-nos que isto ou aquilo aconteceu mas não nos insinua as razões profundas por que aconteceu. E a intriga do romance (chamar-lhe-ia, de preferência, novela) perde-se num sacrificio completo à acção, o que dá, por vezes, um carácter demasiadamente «cinematográfico» ao livro.

Quanto a mim a acção só pode justificar-se, quando o romance que a utilize tenha um carácter epicoico e olhe para cima. Todo o romance, aliás, deve

tentar sempre *olhar para cima*. «Vidas raras» esboçamos personagens em situações documentárias, mas muito mais documentárias do que propriamente humanas.

O que se me afigura fundamental em Eduardo Azevedo são as suas condições de observação. Faltam a este escritor os dons que a narrativa exige, ou melhor, Eduardo Azevedo, se os tem, sacrificou-os na descrição elementar de factos ou atitudes. Ora o estilo é, num romancista, uma virtude indispensável. O autor de «Vidas Raras» ainda não encontrou o seu estilo, a sua maneira própria. De-certo muito influenciado por alguns escritores brasileiros, Eduardo Azevedo esqueceu que nos romancistas — como nas mulheres... — a facilidade é um defeito. A pena foge-lhe para a descrição elementar e primária de situações mas não se esforça no aprofundamento psicológico das almas que nessas situações funcionam. Creio que Gaspar Simões tem razão: «o português não tem a intuição do romanesco». Eduardo Azevedo, escritor que julgo jovem, bem dotado para apanhar fotograficamente certos quadros e certos meios, não teve a densidade romanesca das suas criaturas. Limitou-se a mostrá-las *por fora* e como deu a essa demonstração uma intencionalidade, não escreveu ainda o romance que julgou ter escrito. Não há romances bem ou mal intencionados. Há — ou não há — romances; ou melhor: há — ou não há — romancistas.

FACA DE PAPEL

* Em separata da «Revista da Faculdade de Ciências», foi posta à venda a biografia do antigo e eminente Mestre daquela Instituição, general Aquiles Machado, há meses falecido.

* Artur Portela acaba de reunir em volume, com o título «Os mortos jálam», alguns dos seus notáveis artigos de evocação literária, publicados no «Diário de Lisboa».

* Bourbon e Meneses está trabalhando num livro de memórias.

* Chama-se «Dança de nuvens» o livro de poemas de Vasco de Lemos Mourisca, publicado há pouco.

* «Para além» — é o título do novo livro de versos de Florival de Passos.

* A «Editorial Enciclopédia» acaba de publicar um dos melhores trabalhos literários do escritor espanhol Luiz de Oreyza: o romance de aventuras «O Tesouro do Templo da Morte».

* Sairá brevemente o primeiro volume da colecção «Os grandes romances da guerra», editada por Vida Mundial: «Fugiu uma espiã...», de Charles Berry, em versão portuguesa de Gentil Marques.

SABE O QUÊ É A COSTA VERDE?



Espinho tem destes recantos — perdão, destes encantos...



A hora do banho é sempre um momento de alegria...

LEIA, porque não sabe que os olhos se estendem, se alargam, num desejo veemente de contemplação que é o maior e mais doce prazer espiritual; leia, porque não sabe que a voz emudece e o coração sente melhor a alegria de viver. Estamos diante da Costa Verde — um formoso pedaço da terra portuguesa. Se não sabe onde fica, continue a leitura...

* * *

O progresso tem feito grandes revoluções, no sentido de dar mais vida e maior beleza às terras, onde o homem se fixou e criou o reino do seu domínio, ou constituiu o seu castelo de sonhos e ilusões...

Mas mais do que qualquer-outro lugar da nossa terra, foi em Espinho — a Costa Verde, como lhe chamam — que o progresso, de facto, criou uma realidade viva, uma verdade que se impõe naturalmente aos olhos e à razão.

Perante a beleza, a magnificência da praia de Espinho, todo o sentido das expressões é vago, impreciso, quasi insignificante.

* * *

As noites têm ali um raro, singular encanto e parece que as próprias pedras nos falam de toda a vida da linda praia que mil luzes iluminam num conjunto feérico, surpreendente. Parece que o mar é mais doce, mais tranquilo, no seu marulhar incessante; parece que o luar é mais terno que as próprias estrelas nos entendem melhor e nos falam numa misteriosa linguagem, símbolo dum poder criador, do poder de Deus, numa hora de felicidade, como dádiva preciosa à gente boa, trabalhadora e simples deste pedaço da orla portuguesa.

* * *

Com o seu Parque e diversões, é a praia predilecta das crianças: corpicos semi-nus, dão-nos diariamente uma visão de vida boa, sã, plena liberdade de acção e de movimento, ao ar livre, oxigenado, tonificante, robustecedor.

De facto, as crianças, em contacto permanente com o mar, tornam-se fortes, de uma saúde mais saudável, de uma alegria mais alegre.

* * *

As fotos que ilustram esta página, que um pensamento bom e uma ternura sincera inspiraram, falam melhor do que nós do que é e do que vale a Costa Verde, como expressão moderna e aliciente alegria.

Daí, o nosso conselho, que é gratuito: se o leitor puder — venha a Espinho; se não puder, olhe detidamente estas ilustrações, que verá que não enganam nem desmentem aquilo que escrevemos...

AMÉRICO LOPES DE OLIVEIRA



Depois do banho, o almoço, depois do almoço o café...



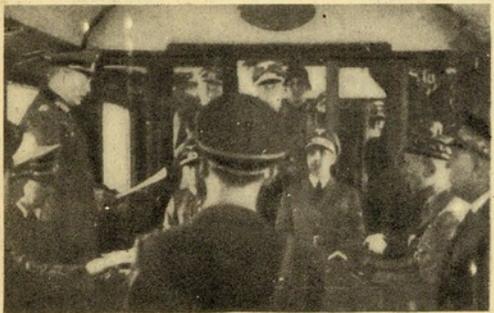
Em Espinho também se patina... e bem.

A ALSACIA

TERRA DE PAZ
E
POMO DE
BATALHAS...



Em 1939, a guerra voltou a estender a asa negra sobre a alma simples da gente alsaciana...



No vagão de Compiègne, Kettel, ao lado da Hitler, lê a delegação francesa a convenção do Armistício de 1940. Por ela o Reich se considera de novo senhor da Alsácia...



Virá um novo 1918? Alsácia regressa à França e o povo rejubila em festas memoráveis. Era uma nova era de paz... que só durou 25 anos...

QUANDO cada um de nós foi menino, quantas vezes sonhou com três dias de cada ano, diferentes de tudo o que vivíamos, vestidos de uma luz que deslumbrava!... O Carnaval vinha longe — e já nós lhe víamos os europeus de Arlequim e ouvíamos o gulsaihar de palhaço. E quantas vezes, então, os europeus não eram uma linda alsaciana ou o garolito de *gros sabots* de carneira...

As rivalidades franco-alemãs por três vezes vão chocar-se no vértice trágico de três guerras, ali pero, na Alsácia. Precisaremos de entrar em pormenores de geografia e características do solo para falar deste povo obscuro que foge da oficina para a terra?

O professor Charles Burki chama-nos à realidade com um artigo publicado numa revista de Genebra. Não escreveu ele com imagens literárias e o intento de efeitos para falar ao coração; há nos factos um dramatismo impressionante que helénicamente se despe de comentários para nos contar a história desta gente pacífica, como remoto de discórdias...

As rivalidades franco-alemãs por três vezes vão chocar-se no vértice trágico de três guerras, ali pero, na Alsácia. Precisaremos de entrar em pormenores de geografia e características do solo para falar deste povo obscuro que foge da oficina para a terra?

A Alsácia, pela pollicromia dos seus campos, faz lembrar o nosso Minho, de terra arroteada e baldões graciosos e alpendrados como na nossa Beira. Mas Estraburgo, a antiga Argentoratum, capital da Alsácia, é que reflecte, toda inteira, a história trágica dessa maravilhosa nega de terra atlântica: cidade livre e forte, desde a Idade Média, depois enriquecida pela sua adesão à Hansa comercial, hoje sem nada perder da sua actividade, grande centro intelectual.

Será, porém, exacta esta visão de uma Alsácia pacífica, de bolinhos juguidos ao péso da colheita, e homens pacíficos entretidos nos teares e nas fábricas de química moderna?

O povo alsaciano sabe que não. Esta visão de paz é efêmera, quando não é um sobressaio de guerra. Porque, de facto, uma vez em cada geração, a guerra destrói o bucolismo dos campos e a graça dos corações ingénuos. A catedral de Estraburgo que o diga, com as suas torres destruídas. Lá está, é certo, a organização Todt para curar as feridas da terra, num tempo férreo. As casinhas dos operários erguem-se hoje de novo ao longo dos caminhos. Mas quantos edifícios destruídos!...

Fábricas arrazadas; no limite de Palatinat, Lauterburgo destruída, é nem a D. A. F. — Front Alemão do Trabalho — sarou no caos as feridas alsacianas. São casitas — as que a D. A. F. ergueu — de telhados vermelhos e cores claras, mas...

Montanhas de arame farpado, de fio de ferro, adormeceram à beira dos caminhos: são testemunhas da Linha Maginot, o ventre destroçado dos fortins destruídos e a doce música da língua francesa amordacada. Ao mesmo tempo que os terrenos militares se mudam em terra de cultura, os alemães apagam os últimos traços da presença da França: nada de ensinar o idioma de Molière aos alsacianos em idade escolar; os nomes das aldeias e cidades passaram a ser alemães; os marcos e os letreiros levaram novas camadas de cal branca, para receber uma nova inscrição; Hilber, filho de Estraburgo, desapareceu do seu pedestal, erguido na primeira arteria da cidade; os nomes das ruas foram mudados... Em vinte anos, uma delas mudou quatro vezes de nome: Friedrichstrasse, Friedenstrasse, Chamberlainstrasse — depois do conferência de Munich... — e, enfim, agora Hermann — Goering — Strasse...

Como vive essa gente? Quantos são e o que fazem? Eram 460.000 os evacuados para a Françaidental e, desses, 100.000 não voltaram; as autoridades nacionais — socialistas não quiseram receber 25.000 francófilos; a capital tinha 200.000 habitantes e hoje tem 180.000 — e quantos faltam são judeus, funcionários públicos e burgueses mais ou menos ricos.

A vida dos que ficaram é difícil, porque não há trabalho nem abundam alimentos. E, entretanto, a reinstalação dos alsacianos tem-se feito à custa de obras e trabalho, porque a guerra tudo tinha destruído. As cidades, de resto, vivem ainda o seu regime de guerra: nada de iluminação à noite, todas as obras de arte protegidas por sacos de areia, e nas paredes afixa-se o retrato de um ministro inimigo, o texto de um discurso, um programa de propaganda. E há os soldados... Muitos soldados...

* * *

E aqui está uma Idéia vaga do que é a Alsácia, presentemente alemã. Presentemente. Porque, num século, quatro vezes mudou de mãos. E a miséria mais triste e mais miserável do que todas as misérias lhe bateu à porta dessas quatro mudanças de dono, porque ela é como o pêndulo oscilante da política europeia...

Acusam os alsacianos de estar sempre descontentes com quem os governa. E é por isso que eles — opuseram-se sempre à supressão das influências alemãs ou francesas — hoje que a Alemanha lhes deu um gauliteiro e risca de toda a parte o nome francês, já começam a não gostar. Lastimaram o estado centralizador de Paris, do mesmo modo que se queixam do estado totalitário de Berlim. E Berlim sabe-o. Por isso fomenta indústrias, por isso reanima actividades económicas. Mas introduziu na Alsácia o Direito Civil e Comercial, incorporou na Wehrmacht a Juventude alsaciana — e tudo isto desgostou a Alsácia.

Que irá, pois, acontecer? Que papel virá ainda a representar no conflito actual a torturada erra alsaciana?...

A Alsácia não foi mencionada na Convenção de armistício e nenhum trat. do de paz sobreviou entre a França e o Reich que definisse a sorte futura dos homens de *gros sabots* e das mulheres de borboletas negras poisadas sobre as madexas loiras...

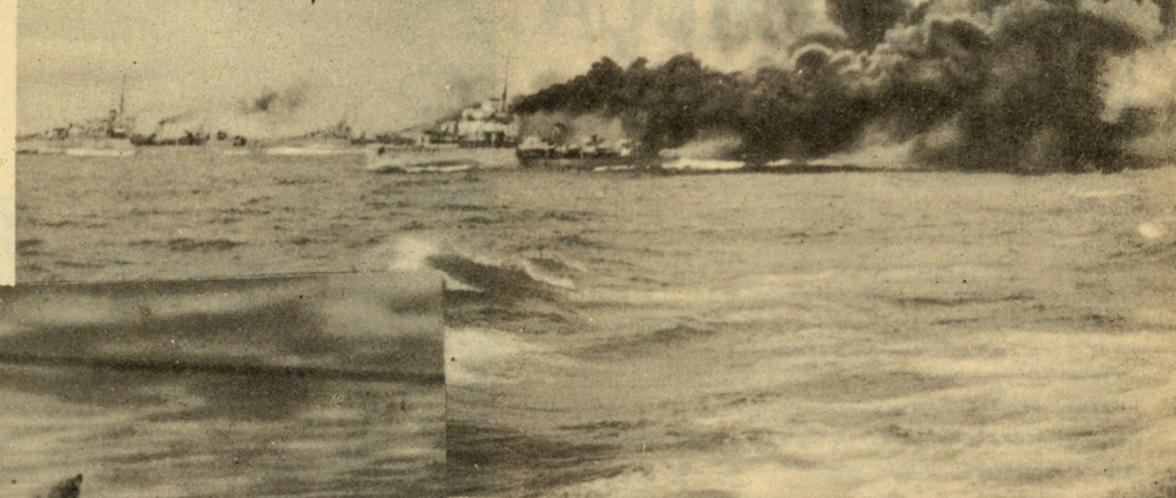


Mato de 1940. A derrocada da França aproxima-se. Alsácia é dos alemães que têm um primeiro gesto: libertar os prisioneiros de guerra...

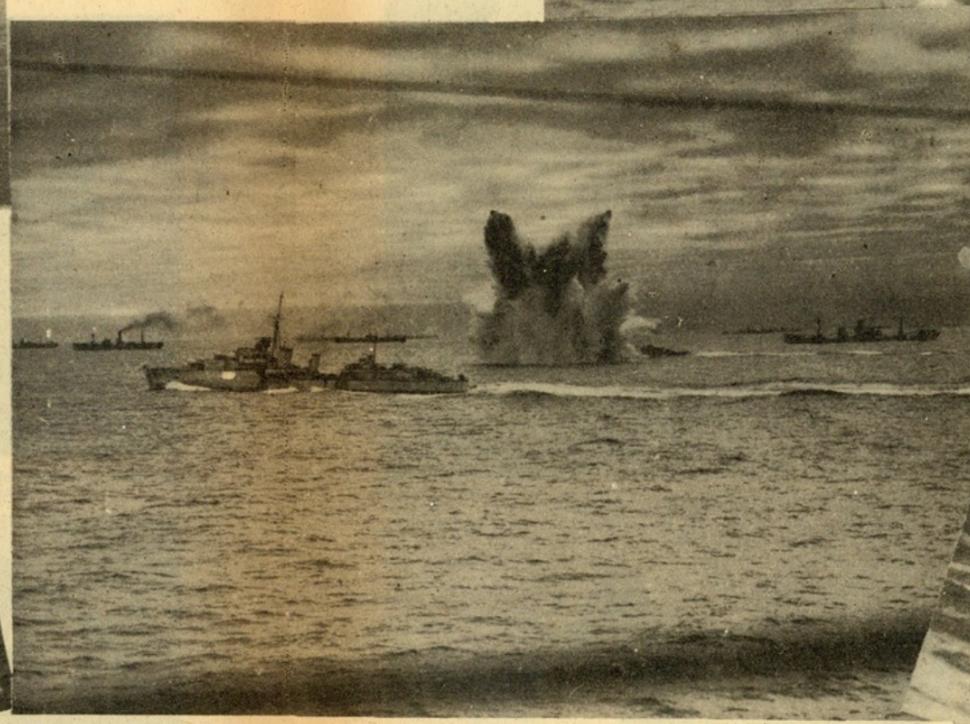
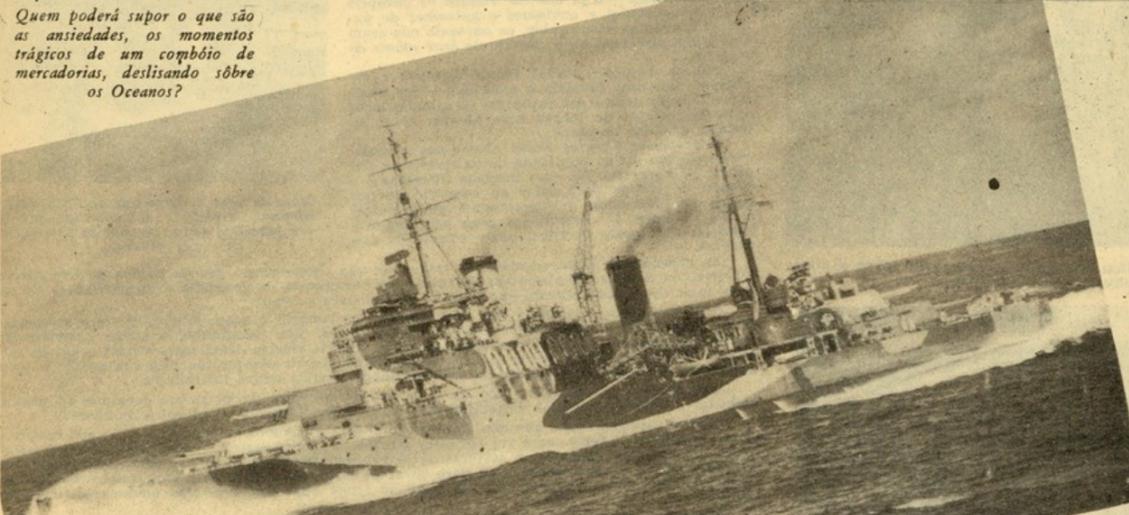
UM COMBOIO NO ALTO MAR...



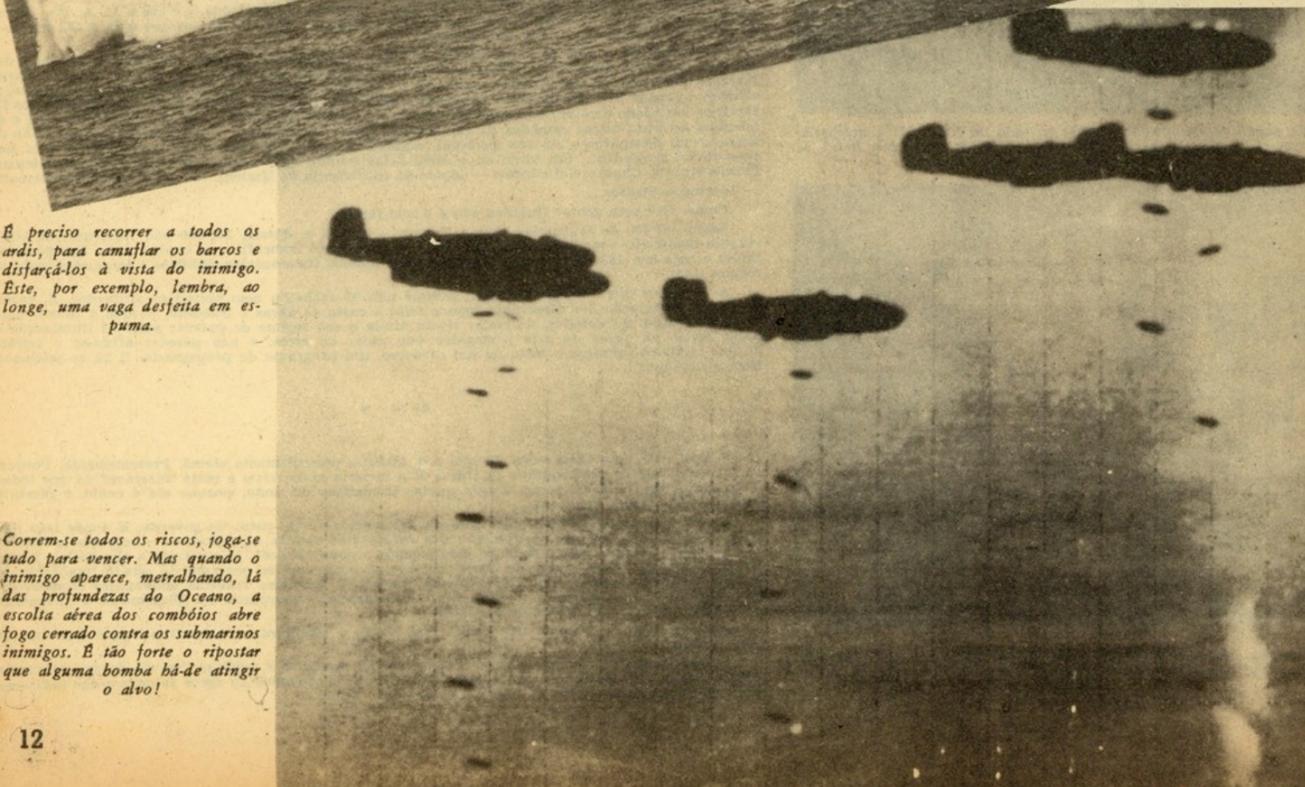
Quem poderá supor o que são as ansiedades, os momentos trágicos de um comboio de mercadorias, deslizando sobre os Oceanos?



Abrem-se, então, cortinas densas de fumo que levantam barreiras à acção inimiga.

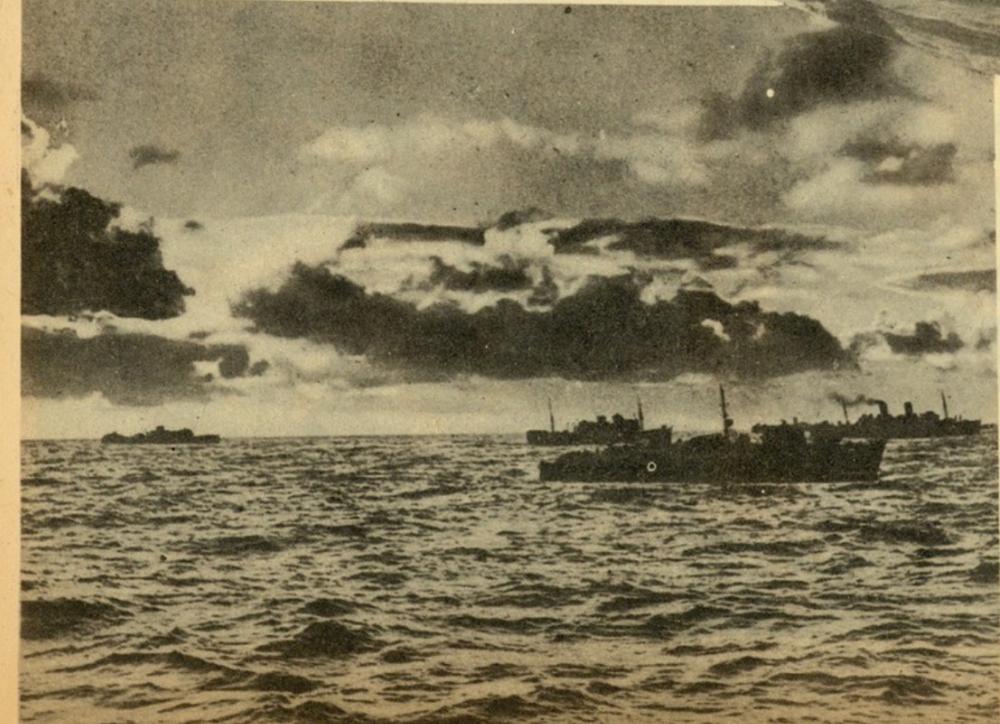


Os barcos põem-se a salvo. Agora é correr ligeiro. A carga é preciosa: viveres para uns, armas para outros, tantas vezes.



É preciso recorrer a todos os ardis, para camuflar os barcos e disfarçá-los à vista do inimigo. Este, por exemplo, lembra, ao longe, uma vaga desfeita em espuma.

Correm-se todos os riscos, joga-se tudo para vencer. Mas quando o inimigo aparece, metralhando, lá das profundezas do Oceano, a escolta aérea dos comboios abre fogo cerrado contra os submarinos inimigos. É tão forte o ripostar que alguma bomba há-de atingir o alvo!



Entretanto, contra o inimigo de superfície — os contratorpedeiros e os torpedeiros — é preciso agir rapidamente...

O mar e as almas serenam, que passou a linha perigosa da acção inimiga. No ar esfarrapam-se as últimas nuvens de fumo e quando o horizonte se desanuvia e torna visível o espaço, tem já desaparecido o último barco do comboio. As vezes há perdas graves, mas quantas outras os barcos chegam intactos ao seu destino? As imagens que damos pertencem a um comboio que se dirigia para a Rússia e foi atacado pelos barcos alemães, nos «fjords» da Noruega.

A MORTE RONDA. E A VIDA RECOMEÇA!

A morte ronda, na trincheira, cada dia que passa, são ceifadas vidas e mais vidas ou roubadas ao convívio dos camaradas, mais soldados de todos os exércitos. No tratamento e completo restabelecimento de feridos, a ciência médica alemã, já hoje atingiu um nível tão alto que dificilmente poderá ser ultrapassada. Vão para os hospitais militares do interior e da frente, onde o tratamento é feito com a mais moderna aparelhagem, medicamentos e recursos terapêuticos, à disposição da medicina.

Mas, depois, quando as feridas estão fechadas?

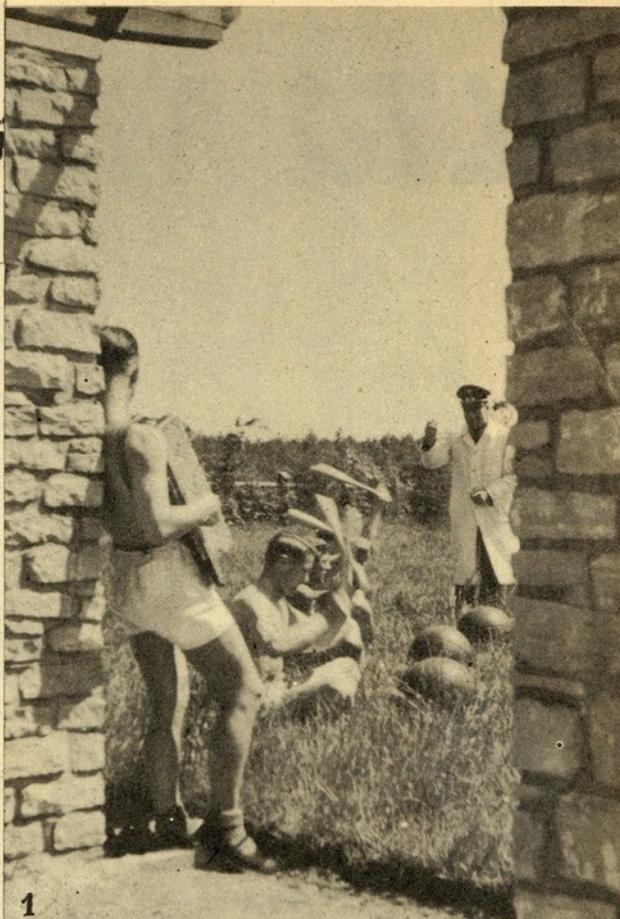
É preciso cuidar dos convalescentes, criar nos homens optimismo e espirito de alegria. Por isso, cada ferido que sai dos hospitais obtém uma licença de convalescença que deverá gozar numa casa de saúde e onde continua sob o controle médico. O desporto, a ginástica, diversões são criadas-lhe, então, uma nova alegria de viver, uma flexibilidade física e uma saúde moral indispensáveis a um soldado da frente de batalha...



1
Este grupo de convalescentes, sob uma boa orientação, executa exercicios ao ar livre, no jardim de um hospital.

2
Estão salvos. A ronda da morte foi afastada. Mas é preciso vigiar os doentes. Este médico examina uma radiografia.

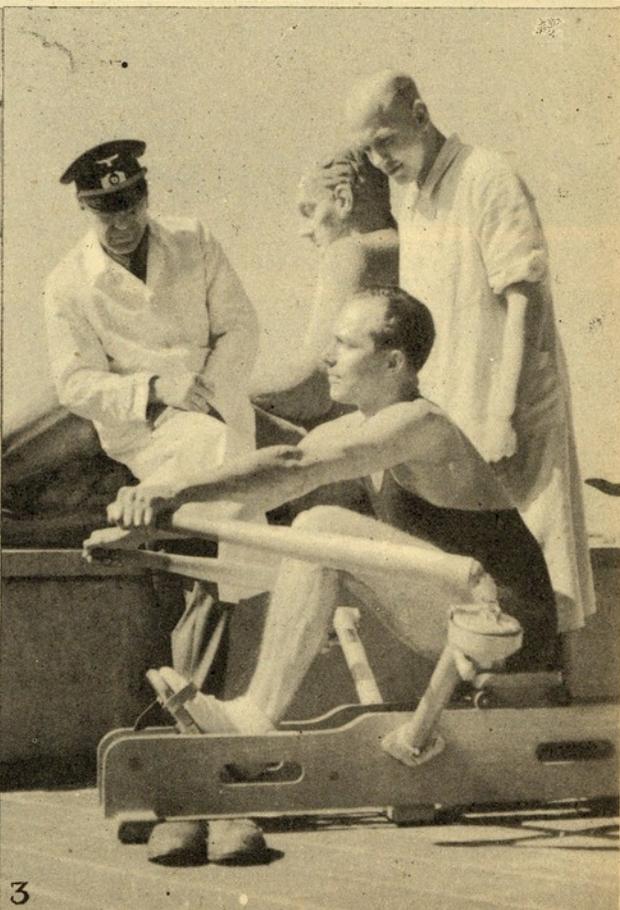
3
Outro exercicio salutar: o remo, como gymnastica terapêutica, é também empregado num hospital alemão.



1



2



3

Tudo quanto é PEQUENINO...

Não haverá, neste carinhoso abraço a impressão de um terno beijo da «mamã» gatinha?

É velho o aforismo que diz «tudo quanto é pequenino tem graça».

Mas repare, leitor, repare nestas fotografias...

Acaso desdenharia de furtar — se é que não o fêz já! — alguns minutos, ao seu precioso tempo, para se deter diante de qualquer destes amáveis quadros, repassados de graça ingénua?

Quási duvidaríamos, se nos dissesse que, perante a graciosidade daqueles pequeninos ursos, não olvidaria a ferocidade da mãe; que ao surgir-lhe, na extensa planície, a «mamã» girafa e o seu jovial bebé você se não quedaria surpreso de admiração; que, diante de um ninho, onde se aconchêga um bando de veludosos patinhos, nos seus lábios não assomariam sorrisos de ternura iguais aos que deixaria escapar-se-lhe, se visse um grupo de lindos cachorrinhos ou a brincadeira maternal de uma gatinha.

Raras vezes o instinto maternal terá encontrado melhor símbolo do que estas expressões de ternura cuidado e sacrifício heróico pela carne dos filhos, que é carne das próprias mães.

Ciosas dos seus «meninos», vigiam, atentas, as suas cabriolas e as suas brincadeiras.

A mínima suspeita de perigo, as mães acercam-se, defendendo e protegendo, encarniçadamente, os filhos. A mais dócil «mamã» transforma-se: a ovelha surge, súbitamente, loba.

Mas, depois, o perigo passa e logo as mães regressam, por milagre de amor, à sua condição. É assim que as feras se amansam por amor e os bichos inocentes se mudam em defensores ferozes dos seus filhos...

Depois, vem um dia em que a resistência destas mães sucumbe sob a impiedade do homem que, por necessidade ou distração, lhes levará o que elas mais desejariam conservar: os seus filhos bebés, agora feitos «homens», pelo instinto maligno de combater o próximo.

Se elas próprias não fôsem feras — que desilusão não seria para as pobres mamãzinhas!...

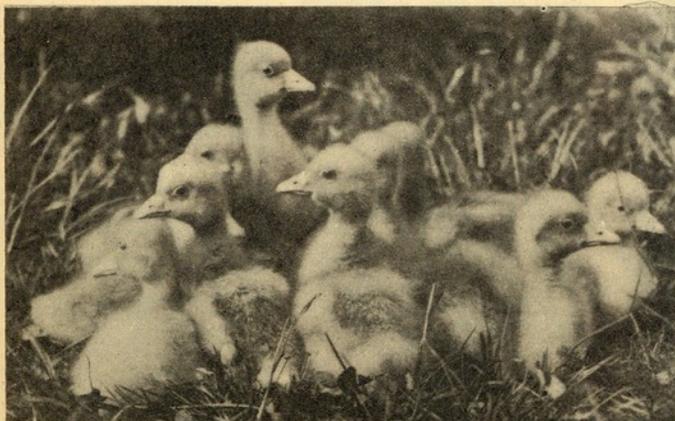
TORRES DE CARVALHO

Suspendamos a caminhada e vejamos o horizonte — diz a D. Girafa a seu infante...

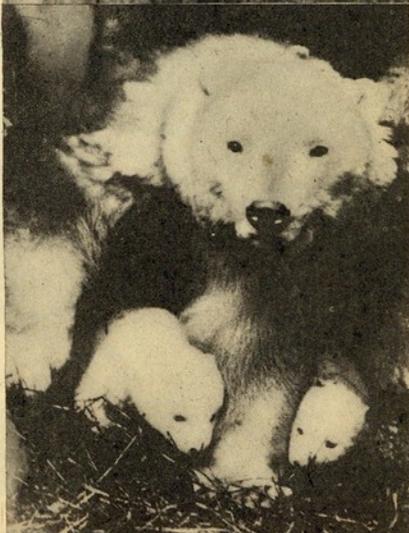
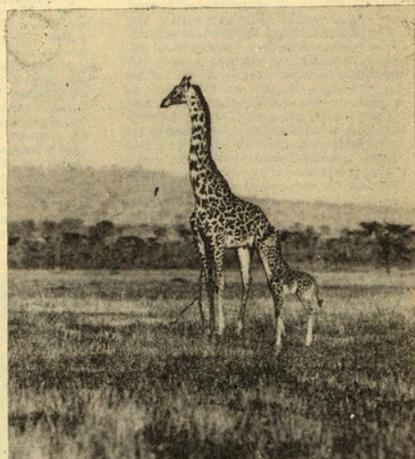
Quem se atreveria a perturbar a quietude do nosso covil?



E, assim, a pé firme, «Nina» está preparada para a defesa dos seus três lindos cachorrinhos...



Sós? Não... Atenção à mãe, que está a ensinar aos filhos, o que muitos homens não sabem fazer: tomar banho...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXI - A participação americana

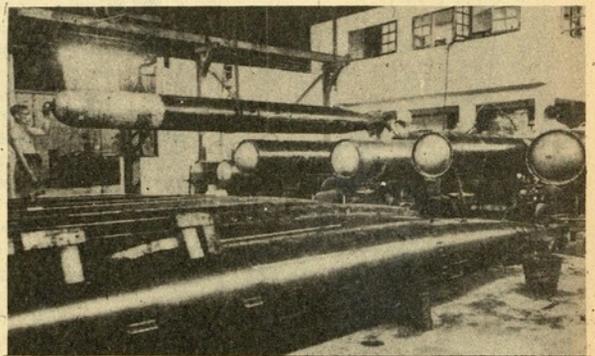
1 UM PLANO DE CONSTRUÇÕES



O dia 1 de Janeiro de 1942 o Primeiro ministro da Grã-Bretanha encontrava-se em Washington, onde fora conferenciar com o Presidente dos Estados Unidos. A entrada deste país na guerra, um mês antes, viera emprestar ao conflito características novas. Até esse momento o auxílio americano a um dos blocos beligerantes circunscrevia-se ao plano de produção industrial. Depois da derrota da França, a nação americana tornara-se, segundo a própria expressão dos seus dirigentes, o arsenal de Grã-Bretanha. Esse arsenal encontrava-se, porém, incompletamente equipado sob todos os pontos de vista. Embora os recursos do país fossem praticamente inexgotáveis, a verdade é que esse factor não se fazia sentir de maneira decisiva no curso do conflito.

Praticamente a população dos Estados Unidos não sentia a guerra a que uma grande parte dela, a corrente isolacionista numerosa e poderosa, se opunha abertamente. Mesmo depois da sua intervenção activa no conflito, os Estados Unidos beneficiaram sempre de circunstâncias particularmente favoráveis, a menor das quais não era certamente a de a luta militar se estar travando a uma grande distância das suas fronteiras e do território nacional ser praticamente inacessível ao ataque de estranhos.

O incidente de Pearl Harbour veio criar um condicionalismo novo para o conflito em que as principais potências do mundo acabaram por se envolver, e o peso da máquina industrial norte-americana, cuja importância era apreciada no seu justo valor pelos dois blocos beligerantes, tornou-se um factor activo na luta em que desempenhara, até àquela altura, um papel puramente passivo. Com a participação industrial dos Estados Unidos veio a sua participação militar. Esta era mais referida ao futuro do que ao presente e era, em parte, contrabalançada pela intervenção do factor japonês. Mas, com o decurso do tempo e apesar da impreparação do país para a guerra no plano militar, acabaria por se afirmar como um dos elementos mais importantes no quadro geral dos factores em presença.



As fábricas americanas atingiram, em 1942, um potencial de produção de guerra nunca visto.

A PRODUÇÃO AMERICANA ANTES DE 1942

Um dos mais categorizados e lidos americanos que tem escrito sobre o actual conflito e a sua evolução pintava-nos, numa das suas obras, o quadro da produção de guerra americana antes da entrada activa dos Estados Unidos na guerra, em seguida a Pearl Harbour, estabelecendo um cotejo entre o valor e o nível dessa produção e o valor e o nível correspondentes da produção britânica nessa altura, para concluir que a Grã-Bretanha, durante todo o ano de 1941, produziu mais e melhor do que os Estados Unidos, entre outras razões porque se encontrava no centro do conflito que a sua população sentia. É James Reston que estabelece assim esse paralelo, essencial para a compreensão dos acontecimentos, tanto antes como depois da entrada dos Estados Unidos abertamente na luta:

«Durante os anos de 1940 e 1941 chamou-se aos Estados Unidos o arsenal dos Aliados. Esta designação era, porém, imprópria. Os nossos organismos encarregados de dirigir e orientar a produção de guerra eram os primeiros a reconhecer que o verdadeiro arsenal dos Aliados era a Grã-Bretanha e não os Estados Unidos. Em 1941, por exemplo, a Grã-Bretanha produziu uma vez e meia mais aviões do que os Estados Unidos e, se considerarmos apenas a produção de aparelhos de bombardeamento e de caça, os que mais interessam à guerra moderna, a proporção a que nos referimos é ainda mais favorável à Grã-Bretanha. No mesmo ano, considerando a produção geral de armas de guerra, a indústria britânica produziu duas vezes mais armas do que a indústria americana. Não desejo fazer comparações excessivas. Mas quero acentuar que, durante o ano de 1941, quando, nós americanos, estávamos convencidos de que equipávamos o mundo inteiro para a guerra, os ingleses não só estavam produzindo mais do que nós mas estavam contribuindo com o seu esforço para dar um grande incremento à nossa própria produção.»

Esta tese, que aparece pela primeira vez publicamente defendida por um categorizado norte-americano, oferece incontestável interesse e valor documental.

A PRODUÇÃO INGLESA

O sr. Reston continua, assim, a sua demonstração:

«Vejam os casos da nossa produção aeronáutica. Antes de ter estalado a guerra, nem o nosso governo nem a nossa indústria estavam em condições de dar a devida expansão à capacidade do país para fabricar aviões. Os franceses e ingleses, que tinham necessidade urgente destas máquinas, construíram entre nós fábricas de especialidade com as quais gastaram mais de um bilião e quinhentos mil dólares. Quando a guerra estalou, em Setembro de 1939, todas as fábricas existentes nos Estados Unidos tinham uma produção mensal que andava à volta de quatrocentos aparelhos. As encomendas pela França e pela Grã-Bretanha elevaram no Outono de 1939 este número para 950 aparelhos mensais. As encomendas daquêles dois países aumentaram na medida das suas necessidades e quando a França caiu, em consequência do aumento dessas encomendas, a nossa indústria aeronáutica produzia mensalmente à volta de 1.100 aparelhos. Só as fábricas instaladas no nosso território para esse efeito custaram àquêles dois países até Junho de 1940 (data da derrota da França) setenta e dois milhões de dólares e depois daquela data custaram à Inglaterra mais cinquenta milhões de dólares.»

O mesmo pode dizer-se da produção americana de máquinas, ferramentas, explosivos e tanques a qual foi extraordinariamente valorizada graças ao concurso, da Grã-Bretanha. No começo de 1940, os Estados Unidos produziam máquinas ferramentas no valor de duzentos e cinquenta milhões de dólares. No meado daquele ano essa produção, em virtude das encomendas inglesas, subira para trezentos e cinquenta milhões de dólares. O mesmo pode dizer-se em relação à produção de explosivos e de tanques que aumentara em proporção enorme por virude das encomendas crescentes do governo britânico.»

Estes factos, geralmente ignorados ou esquecidos, são invocados por James Reston para demonstrar que, à data da sua entrada na guerra, a parte principal da preparação industrial do país era consequência da acção da Grã-Bretanha no que terri-



O alumínio — a grande mola da aviação — atingiu, em 1942, extraordinários processos de industrialização. Estes tambores estão a ser raspados, limpos e polidos, para seguir o seu destino.

tório americano estava produzindo armas e engenhos de guerra em quantidades superiores às que os Estados Unidos produziam.

AS CONCLUSÕES DUM PARALELO

O autor norte-americano a que nos estamos referindo conclui desta maneira os seus juízos:

«Não tenho a pretensão de dizer que as encomendas da Gran-Bretanha feitas no nosso país fossem determinadas por outras razões além das que derivavam das próprias necessidades daquele país. Sem o equipamento produzido nas fábricas norte-americanas e, mais ainda, sem as esperanças que o facto desse equipamento

perspectivas deviam ser profundamente alteradas pela marcha dos acontecimentos, sofreu uma transformação radical com a mensagem que o Presidente dos Estados Unidos dirigiu ao Congresso no dia 6 de Janeiro de 1942. Essa mensagem correspondia à gravidade dos acontecimentos e tinha por objectivo principal dar ao país a consciência exacta das dificuldades do momento e das exigências imperiosas que este comportava. A mensagem presidencial dividia-se em duas partes essenciais. Uma parte, sem dúvida a mais importante, relacionava-se com o pensamento estratégico que devia presidir à intervenção dos Estados Unidos no conflito. A outra, que de momento era a mais própria a impressionar as imaginações, resumia um gigantesco programa de rearmamento que interessava não apenas aos Estados Unidos mas a todos os Aliados deste país.

Pelo que se referia à posição estratégica dos Estados Unidos, o seu Presidente anunciava que o país tomaria a ofensiva em todos os pontos onde isso fosse possível. Um mês voivido sobre o desastre de Pearl Harbour, que dera ao Pacífico uma incontestável superioridade naval e aérea ao Japão, o sr. Roosevelt declarava que os Estados Unidos não se limitariam a uma defensiva sistemática mas que, ao mesmo tempo que criavam as armas necessárias para a realização dos seus objectivos, atacariam sempre que para isso se oferecesse oportunidade.

O pensamento oficial assim claramente expresso, não parecia nessa altura nem de fácil nem de próxima realização. Mas o sr. Roosevelt era, entre os dirigentes das nações aliadas o primeiro a expor a ideia de que sem uma estratégia concertada, sem uma verdadeira estratégia de coligação, não era possível ganhar uma guerra em que se encontravam envolvidos os maiores impérios do mundo. Era, em sua opinião, a falta dessa estratégia que estava na origem dos desaires militares que os aliados vinham registando, no decurso de mais de dois anos de guerra, em todos os teatros de operações.

UMA ESTRATÉGIA DE COLIGAÇÃO

«Nós não combateremos em guerras separadas, isto é, em guerras feitas



estar a ser produzido nos Estados Unidos desperdiçava na opinião britânica, é difícil dizer se os acontecimentos não teriam tomado uma outra feição. Mas isso não quer dizer que possa alterar-se a verdade dos factos.

E esses factos dizem o seguinte: se a Gran-Bretanha não tivesse dependido o seu dinheiro na construção das referidas fábricas que produziam tanques, aviões, peças de artilharia e máquinas-ferramentas, o nosso programa de rearmamento teria sido atrasado em proporções muito consideráveis. A existência dessas fábricas permitiu-nos dar um grande salto na produção de equipamentos não só para os nossos aliados mas para nós próprios, para não falarmos na experiência que assim puderam adquirir os nossos operários, chefes de oficina e engenheiros.

O escritor americano a que nos estamos reportando faz considerações idênticas a propósito da aplicação da lei de Empréstimo e Arrendamento. De uma forma geral a sua argumentação tende a demonstrar que, antes da sua entrada oficial no conflito, os Estados Unidos eram imprópriamente considerados o arsenal do grupo beligerante que tinha as simpatias do seu governo e duma parte da sua opinião pública e que, antes de 1942, a Gran-Bretanha leve de suportar a parte principal do fardo da produção para o que procedeu a uma mobilização da sua população civil em termos sem precedentes noutros conflitos militares.

A MENSAGEM DE 6 DE JANEIRO

Esta situação, que hoje corresponde a uma recordação histórica, cujas

PASTA MEDICINAL

Conto

Evita as doenças da boca

isoladamente por cada um dos nossos aliados. Nós, as Nações Unidas, dispomos as nossas forças de tal maneira que bateremos o inimigo comum no ponto em que isso lhe possa causar maior prejuizo. Estas palavras do sr. Roosevelt significavam que, no seu pensamento, os adversários das potências signatárias do pacto tripartido, ao contrário do que até então havia acontecido na Europa, como na África e na Ásia, se esforçariam por juntar os seus esforços em termos de se não deixarem bater isoladamente pelo adversário. Era este pensamento viável? E, no caso de ser, como traduz-lo em realidades práticas e, sobretudo, em realidades no plano militar?

O Presidente dos Estados Unidos procurava dar uma resposta adequada a estas perguntas, afirmando em seguida: «Pelo que especialmente diz respeito ao nosso país, as suas forças serão empregadas em qualquer ponto do globo que nos pareça aconselhável para atacarmos o inimigo. As forças armadas americanas estarão, por isso, em todos os continentes e em todos os oceanos. Esta concepção era inteiramente nova e na altura em que foi apresentada não deixou de produzir certa sensação justificada pela marcha dos acontecimentos. Em todos os teatros de operações as forças das

Nações Unidas se encontravam em posição de manifesta inferioridade em relação aos seus adversários. Nada indicava mesmo que essa posição de inferioridade viesse a modificar-se no decurso dos tempos mais próximos pois tanto sob o ponto de vista dos territórios ocupados, como dos efectivos, do material de longa data feitos pelas potências signatárias do pacto tripartido estavam produzindo os seus efeitos, o mais recente dos quais era a série de vitórias nipónicas alcançadas no continente asiático e em toda a vasta extensão do Pacífico cujas posições mais importantes já então se encontravam em poder dos japoneses ou eram por estes directamente ameaçadas com todas as probabilidades de que a ameaça rapidamente se traduzisse em ocupação.

O FUNDAMENTO DOS PROJECTOS PRESIDENCIAIS

A concepção do Presidente dos Estados Unidos aparecia fundamentada no programa gigantesco de rearmamento que acompanhava a mensagem em que aquela aparecia expressa.



Este programa era, sem dúvida, o mais ousado que alguma vez tinha sido, apresentado em qualquer país.

Pouco tempo antes, o Presidente, que nos termos da Constituição americana, é o chefe das forças armadas do seu país, comunicara a todos os Departamentos cuja actividade se relacionava com a produção de guerra ordens para a realização dos seguintes objectivos:

1—Para aumentar a produção de aviões, de maneira que em 1942 os Estados Unidos produzissem sessenta mil aparelhos de todos os tipos, o que representava um aumento de dez mil aparelhos sobre as construções previstas oito meses antes. O ritmo da produção de aviões, nos termos da indicação presidencial, devia aumentar de maneira que, em 1943, os Estados Unidos produzissem cento e vinte cinco mil aparelhos entre os quais cem mil aparelhos de combate.

2—Aumentar a produção de tanques de maneira que a produção americana destes engenhos de guerra atingisse em 1942 a cifra de quarenta e cinco mil e em 1943 a cifra de setenta e cinco mil.

3—Aumentar a produção de peças anti-aéreas de maneira que a produção destas fosse em 1942 de vinte cinco mil e em 1943 de trinta e cinco mil.

4—Aumentar a produção de navios mercantes de maneira que em 1942, fossem construídos oito milhões de toneladas e em 1943 um mínimo de dez milhões de toneladas de navios mercantes.

No conjunto o projecto de rearmamento americano devia, segundo as informações de origem oficial prestadas em Washington, igualar ao verão de 1942 a produção das potências do Eixo e atingir o dobro desta produção no verão de 1943. O custo da execução do projecto anunciado pelo Presidente dos Estados Unidos era por este mesmo avaliado em cinquenta e seis bilhões de dólares ou seja mais de metade do rendimento nacional naquela altura.

A EXECUÇÃO DO PLANO DE CONSTRUÇÕES

Tratava-se, incontestavelmente, dum acontecimento da maior importância para o curso ulterior do conflito. Mas a execução do plano de construções encarado pelos Estados Unidos devia considerar-se em função de dois factores capitais: a forma por que a máquina de produção ia correspondendo

aos projectos elaborados pela Administração e a capacidade de transporte representada pela tonelagem disponível que as Nações Unidas dis-

Confie no

VINHO DO PORTO

COM O

SELO DE GARANTIA

DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

sem utilizar em cada momento. Estavam as fábricas, as oficinas e os estaleiros norte-americanos em condições de corresponder ao pedido que lhes era dirigido? Estavam os operários e os engenheiros dos Estados Unidos dispostos a aceitar o acréscimo de trabalho encarado que se traduziria por uma alteração sensível nos seus hábitos e modo de vida? Por último era evidente que a produção americana, alargada até ao limite máximo, só valia na medida em que pudesse ser utilizada nos vários teatros de operações. Esses teatros de operações encontravam-se espalhados por todo o mundo e focalizavam-se na Gran-Bretanha, na África, no Próximo Oriente, na China, na Índia, na Austrália.

Por isso a construção rápida de uma tonelagem adequada ao ritmo da produção das armas e equipamentos de vária espécie passara a ser uma das preocupações predominantes dos dirigentes norte-americanos. Em 1941 dos estaleiros dos Estados Unidos tinha saído apenas um milhão de toneladas de navios mercantes. O Presidente anunciava que, no ano seguinte, esta produção devia aparecer multiplicada por oito. Era um esforço imprevisto e sem precedentes que se exigia à nação em todos os domínios da sua actividade. Os Estados Unidos construíram em 1942 os oito milhões de toneladas previstos pelo Presidente Roosevelt. A sua utilização eficaz dependia, em última análise, do curso da batalha do Atlântico pois era evidente que os ataques da arma submarina alemã não deixariam de se intensificar como primeira consequência do aumento da produção americana. E foi isso que efectivamente se verificou.

(Continua)

Para Cálculos rápidos

Só com 10 teclas
Controle de inscrição
Transporte total das dezenas nos 2 registos
Cômida para pôr a zero
Mecanismo completamente fechado

Facit

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.ª
Rua do Prado, 145 R. 26 de Outubro, 230
LISBOA PORTO

CALÇADA DA GLÓRIA

NOTA DE ABERTURA

Dr. Mário Gonçalves Viana, escritor infatigável que conseguiu fazer do trabalho a sua única forma de repouso, publicou agora um volume que me permitiu aconselhar, especialmente, aos leitores e às leitoras desta página. Intitula-se esse volume que, não obstante as suas trezentas páginas, se lê dum fôlego. «A Psicologia da Amizade». Nesta hora em que o culto da amizade parece, tantas vezes, relegado para entre cuidados grosseiros e subalternos, este livro pode ter o merecimento de reacender, em muitos corações, uma chama que dir-se-ia extinta. Leiam-no e meditem-no. Na velha Roma, a Amizade simbolizava-se numa jovem, coroada de mirtos e flores de romanzeira, ostentando na mão direita dois corações presos por correntes de ouro, e tendo por legenda estas palavras de bronze: «Para a Vida e para a Morte». Hoje, neste período de egoísmos que atravessamos, não faltará quem pergunte até que ponto esta figura simbólica de Deusa corresponde, não já à realidade, mas à própria aspiração. O sentimento da amizade parece, de facto, esquecido em demasia. Continuam a cultivar-se relações; amizades verdadeiras quasi se não cultivam. A verdadeira amizade (que Ramalho incluiu entre a religião) atravessa incontestavelmente, a sua crise. É necessário que ajudemos a debelá-la. A secura do sentimento e a esterilidade do coração são os dois grandes males da nossa época.

ANGELA PINTO

Angela Pinto faltou uma vez a um ensaio, sem ter justificado a razão da falta. O visconde de São Luís Braga, no dia seguinte, quando ela apareceu no teatro, não hesitou, em dizer-lhe, de nariz franzido:

— Ó Angela, parece impossível. Vocês são todas iguais. Têm todas as mesmas fraquezas...

Resposta imediata da grande artista:

— Isso de fraquezas, virgula! Ainda agora comi um bife no «Leão de Ouro»...

EM FATO DE BANHO

João Gaspar Simões tem sido visto na praia de Cascais com um fato de banho, que, dizem lhe fica à maravilha. Afinal, a critica, apresentando-se em estilo tão leve, proza-nos que é menos severa do que muitos dizem...

AMARANTE... DE OIRO



N UM célebre dia 9 de Janeiro, do ano (que importa, afinal, o ano!) nasceu em Lisboa um rochuchudo varão de palmo e meio a quem, alguns dias mais tarde, era pôsto o nome de Estêvão. Mas por que o rapaz dava logo nas fraldas mostras de ser portento, o padre que o baptizou jactou-lhe ao pescopo um amarante de oiro, simbolo de altos designios. Meses depois de baptizado, o nosso homem, sentindo uma irreprimível vocação para o teatro, estreou-se como actor na «História da Carochinha», de Eduardo Schwalbach. Essa estreia constituiu um successo. O destino de Estêvão estava lançado. Ou seria actor — ou meteria hábito. Foi actor. Foi. E. E há-de ser. Desde a comédia à revista, desde a opereta à fantasia, desde a casaca do galé à jaleca do Marialva, desde a farda do «João Rulão» à calça esticada do «Ganga», a galeria das suas figuras é variadíssima. Nem todos os seus papéis terão naturalmente obtido o mesmo êxito — mas não se lhe aponta um papel mal feito. Está feito o seu maior elogio. Risonho, bom-capaz, um tudo-nada filósofo, um tudo-nada boêmio, cultivando o belo sexo como verdadeiro artista que é, Estêvão Amarante teria de ser inventado — se, espontaneamente, não tem vindo ao mundo, com o sorriso, a arte e a careca que ainda hoje usa...

JUNQUEIRO E A PULGA

Junqueiro chegou uma noite a uma velha hospedaria. Mal entrou, apresentaram-lhe um livro para assinar o seu nome. De repente, enquanto escrevia, uma pulga — o ente que, depois da mulher, mais procura aproximar-se do homem —

saltou e pousou um momento sobre a página do livro. Logo Guerra Junqueiro para o hospedeiro:

— Tenho andado por muita hospedaria má. Agora uma hospedaria em que as pulgas vêm, à entrada, saber o nome dos hóspedes, é uma hospedaria péssima. Já cá não fico. É aqui.

AVISOS

Na biblioteca da illustre médica D. Branca Rumina encontram-se estes versos em local bem visível:

Pedir um livro emprestado
É falta de cortesia:
Quem o leva é mal olhado
Quem o empresta, arreliá.

TÁBUA RASA

Enviem-nos esta quadra de Augusto Ferreira Gomes, acêrca da *Tábua Rasa*. Como já fizemos uma palestra nesta illustre instituição, tão espiritual como culinária, a publicação desta quadra é uma prova da nossa imparcialidade:

Só há chicaras no serviço
Do «Grupo da Tábua Rasa»...
Ninguém se importa com isso:
Os pires, são todos da casa!

EÇA E AS «TOILETTES»

Maria Amália Vaz de Carvalho ao ouvir, uma tarde, Eça de Queiroz, recém-chegado de Paris, descrever as últimas modas parisienses, não se conteve que lhe não perguntasse, perante uma tão radiosa colecção de pomerenos:

— Quando abre o seu «atelier», meu querido amigo?

MULHERES E PÉRAS

Dizia um dos nossos mais subltis escritores:

— As mulheres querem-se como as péras: maduras e de sete covetelos. Pois bem. Já que as mulheres são, de certo modo, comparáveis às péras, nós preferimos as péras e as mulheres — bem comptodadas...

REGISTO LITERÁRIO

A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes que lhe foram enviados: *Amarante na selva*, romance de Alexandre Malheiro em que há páginas de sugestiva beleza; *Presenças eternas*, friso de figuras notáveis evocadas pelo espirito e pelo coração de João de Barros; *Os meus fantoches*, série de contos em que, mais uma vez, se afirma o característico humorismo de Armando Ferreira; o substancioso estudo de Hernâni Cidade, sobre *Camões a sua obra lírica*, e um pequeno opúsculo do dr. Abílio de Andrade em que este illustre homem do fóro marca, com desassombro, a sua posição perante o Instituto da Conferência, da Ordem dos Advogados.

AS SULFAMIDAS

Lili, neta dum médico illustre, seis anos côr de rosa e endiabrados, tem ouvido o avô falar, várias vezes, no prestigio das sulfamidias. Ontem, alguém perguntou-lhe:

— Que queres tu ser quando fóres grande, Lili?

— Imediatamente ela, num largo sorriso:

— Quero ser sulfamidal

UMA PAGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

AQUILINO RIBEIRO, dos mais vigorosos prosadores dos nossos dias, alma beirra que tão bem reflecte, no seu estilo clássico, todo o drama, tódá a vida heróica e sempre castigada do povo — onde quer que o situemos, dentro ou fora do nosso mundo geográfico e espiritual. Vai publicar um novo romance: «Volfrâmio» — episódio de trabalho humilde e arriscado, uma legenda desta metade do século em que vivemos.

(Caricatura de Santana)



SANTANA

ESPINHO

A PÉROLA DA COSTA VERDE, PELOS SEUS ATRACTIVOS
É A PRAIA PREFERIDA DE TODA A GENTE DE BOM GOSTO

NESTE começo de verão, quando quasi todas as outras praias estão ainda desertas e sem sinais de vida, Espinho — a joia encastada da Costa Verde — mostra-se-nos já movimentada, plena de vida e de actividade, cheia de encantos e de atractivos sem igual.

Espinho — podemos afoitamente dizê-lo — é uma praia cosmopolita onde nacionais e estrangeiros, em doce convívio, encontram sempre tudo que lhes apraz, dentro da lei da normalidade que lhes agrada, que os satisfaz plenamente, quer recreando o espirito fatigado, quer proporcionando-lhes entretenimentos de toda a espécie, para todos os gostos, para todos os paladares.

De manhã e à tarde, a praia regorgita já de banhistas que brincam com as ondas e que na água do mar encontram um forte, um poderoso motivo para a reabilitação, pelo iodo, de forças perdidas. À noite, a vida concentra-se totalmente no grandioso Casino, construção moderníssima, onde a luz a jorros produz os efeitos mais extraordinários e surpreendentes.

Este ano, a empresa concessionária do Casino foi mais longe: introduziu grandes melhoramentos nas suas já belas instalações, devendo destacar-se, sobretudo, a remodelação que sofreu todo o andar nobre — feliz empreendimento de construção que honra as possibilidades da indústria nacional — onde podemos admirar o seu vasto salão de baile em que nada falta, tendo sido tudo previsto.

O maravilhoso salão ficará sendo um dos mais imponentes do país e talvez, quem sabe, da própria Europa...

Junto ao salão de baile, queremos assinalar também a sua sala de fumo que pelo seu arranjo, pelo seu bom gosto artístico nas decorações, reclama a atenção de quem quer que seja, bem como o «bar» ultra-moderno e o seu confortável salão de leitura. Todas estas remodelações foram executadas pela conhecida casa Venâncio Nascimento, F.º, Suc., do Pôrto, com filial também em Lisboa. Inspiração do hábil decorador Domingos Nascimento que, no seu «métier», é considerado justamente um verdadeiro

artista e que mais uma vez confirmou os seus créditos, porquanto também foi o decorador deste Casino quando da sua abertura, bem como do luxuoso Palace Hotel de Espinho, um dos melhores hotéis do país.

Entretanto, tudo isto apreciou decerto melhor quem assistiu, em 29 de Julho último, à sua inauguração, uma noite que ficará lembrada para sempre e que recordou outros grandes êxitos.

Festa de requintado gosto, nela se reuniram as mais distintas famílias do Norte. O programa, tentador, foi cumprido, com o mais elevado sentido artístico, por Vilaret, o apreciado actor da cena portuguesa, e a grande parelha Francis-Ruth, os famosos bailarinos de renome internacional. Também o valioso elenco de artistas que todas as noites pisam o tablado do «dancing», não falando, é claro, nas duas admiráveis orquestras privativas do Casino, prestaram a esta festa o seu valioso concurso: no género «swing» Murillo, que é sobejamente conhecida e admirada no estrangeiro, e a de Almeida Cruz, conjunto real de valores musicais, as quais dão sempre, todas as noites, uma nota brilhante de vida e de cor. Tudo, pois, se conjugou para que esta festa, que esteve concorridíssima e teve um cunho de distinção bem marcante, constituísse mais um triunfo para a Sociedade Estoril Praia.

E já que falamos em variedades, não podemos deixar de indicar o estupendo conjunto actuando presentemente no Casino: Hisa de Varin, formosa e escultural vedeta de baile, de requintada sensibilidade artística, que dirige o interessante Ballet «Estrellas de España», composto de oito simpáticas bailarinas: Marietinita, a bem conhecida bailarina de grande classe que o público não se cansa de aplaudir; Hermanos Ballesteros, dinâmicos bailarinos de grande categoria; Carmen Myriam e Hermanas Montoya, simpáticas e aplaudidíssimas bailarinas; Nit Uclés, distinta animadora. Para breve, estão anunciadas, entre outras, as seguintes estreias: Pastora Sansano, célebre bailarina da maior reputação em Espanha, de formosura estonteante e luxo de apresentação incalculável. Eloisa Albeniz, invulgar estrêla de baile, cem por cento «gitana». Elssa Waldo, formidável número de variedades de renome mundial.

O frequentador encontrará no próprio Casino um esmerado serviço de restaurante. Para isso, a empresa contratou este ano um técnico dos mais categorizados que, expressamente, veio da capital do país vizinho e duma das melhores casas da especialidade a fim de dirigir os respectivos serviços.

Mas Espinho, além do seu grande Casino, tem também o seu sumptuoso Palácio Hotel, propriedade da Sociedade Espinho-Praia.

Para que nada falte ao veraneante, por mais exigente que seja, a empresa não se poupou a esforços para contratar um gerente dos mais hábeis e uma equipa de pessoal do mais competente no género, com larga prática em hotéis de categoria.

Espinho, que tem mil atractivos de toda a ordem e de toda a espécie, possui ainda, como não poderia deixar de ser, a sua praça de toiros, das mais lindas e confortáveis de Portugal, da qual é proprietária-exploradora a firma Rezende & Crespo, Limitada, composta dos membros do conselho de administração da Sociedade Espinho-Praia.

A presente época foi iniciada em 6 de Junho, com uma sensacional corrida que é o prenúncio duma brilhante temporada que terá o seu fim no mês de Setembro. No norte do país e noutros pontos, o valor do «cartel» é de tal maneira notável, que os aficionados afluem aqui em número apreciável. Segundo o programa desta época, as corridas de toiros em Espinho, como nos demais anos, conseguirão o seu almejado fim, dignificando uma grande arte e activando o comércio e a indústria locais.

O conselho de administração da Sociedade Espinho-Praia é composto pelos srs. Júlio de Rezende, Armando Crespo e engenheiro Arnaldo Crespo, trindade esta que, devido ao seu esforço e inversão de capitais, tem concorrido enormemente com as suas importantes organizações para o progresso turístico da Costa Verde.

Devemos, sobretudo, salientar a acção ingente e o «savoir faire» do seu dinâmico administrador-delegado, sr. Armando Crespo, que de há muito tem contribuído, por uma forma eficaz e bem patente, para o desenvolvimento do fomento turístico nacional.

Aqui nesta foto um aspecto de um recanto do «ball», a que não falta luxo e distinção.

Finalmente, também no andar nobre temos as excelentes instalações da sala de fumo.

O Restaurante-Dancing do Grande Casino de Espinho mostra, nas suas linhas sóbrias, a elegância das suas instalações.

O salão nobre, agora inaugurado, e que vemos nesta foto, ficou sendo um dos melhores do norte do país.

O bar do hall reúne todas as condições de conforto. Aqui se criam novas relações e se fala um pouco de tudo...

Também no salão de jogos o banhista poderá passar as melhores horas de emoção de um mês de praia.

As instalações do Palácio Hotel são, por sua vez, modelares. Este é o salão de jantar...



Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
9.45	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s	20.30	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	22.00	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s	23.00	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s
17.45	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s			
	WDO	20.7 m. 14470 kc/s			

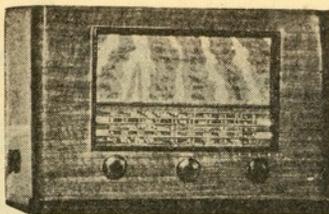
EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Ainda dispomos de alguns dos ultimos modêlos

"HIS MASTER'S VOICE"

Q-16



com os quais se podem ouvir a qualquer hora do dia ou da noite todas as noticias da

AMERICA E EUROPA

Distribuidores VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova do Almada, 97



CREMES

PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

M^o CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade.
Saões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos.

ROMA

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.94	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
		221.10		ondas
		269.20		médias
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760
CONV. SAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA				
21.10	Às domingos			39.80
21.20	Às quartas-feiras			31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. **ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

À venda em todas as farmácias e drogarias
Preço avulso: 11\$00

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrând (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.^o — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Já voltaram os melões

E OUTRAS FRUTAS DE REGALO!

MAIS caros, sempre mais caros, que a maré é de subir, já chegaram os melões! Vêm do Ribatejo, bons casca de carvalho, Palha Blanco abastardados ou não, picantes e sumarentos que é de comer e pedir mais! Os cais, fronteiros à Outra Banda, começam a abarrotar, com os melões saltando das fragatas para as camionetas, para as gigas e caixotes. Uns irão para a venda a peso — por enquanto, são de ricos, pelo preço — outros ficam para calibragem e venda no estrangeiro.

Rico melão, o nosso, português, que tão belo mercado tinha antes da guerra, lá por fora! Era por essa Europa, para lá de Espanha, era a América, era o Brasil...

No Brasil, sim, quando estafado o gosto em gastos de mamão, parente próximo dos melões — chegava enfim, para portugueses e brasileiros, o finíssimo melão ribatejano. E era vê-lo, tentador, pendente da rede de cordel ou da bolsinha de papel verde e vermelho, por bom preço e boa procura...

Portugal perdeu, com a guerra, excelentes mercados de frutas que estava a reconquistar — diga-se em abóno da verdade — pela acção da Junta Nacional de Frutas. A calibragem, a escolha, a preparação química, a embalagem, tudo foi motivo de estudo, de preparação, de modo que nos grandes mercados estrangeiros as frutas

portuguesas recuassem o lugar que a Argentina, a Califórnia e a África do Sul lhes tinham arrebatado.

Hoje, os mercados estrangeiros fecharam-se para as nossas frutas. Por isso ficam por cá, por isso vêm da Madeira e dos Açores frutas boas que só por luxo se viam: ananazes e bananas, sobretudo.

É certo que os «lugares», as lojas de fruta e as regateiras da praça continuam a vender a excelente

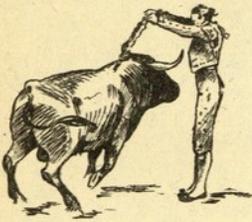
f. ata da terra por preço de volfrâmio... Mas, contra esses, ergue-se o simpático vendedor ambulante, de caixote e carricana pelas ruas, sempre cercado de pinocas e Zé povó:

— É bons pécegos, a quatro mil réis a dúzia!

E está sempre a acabar, como o jógo das cautelas:

— Está a acabar! Está a acabar, uvas madurinhas!

Já chegaram os melões e outras frutas de regalo — ao menos, valha-nos a boa dádiva dos pomares portugueses que não se furtam, em cada ano, à sua doce e saborosa função de produzir... sem poupar!



EXPECTATIVA LOGRADA

«El Choni» abriu o capote e tirou uma série de «verónicas» que levavam o sélo indiscutível de ser éle um toureiro fino e valente, o que depois reafirmou numa série de «chiquelinas» aplaudidas com entusiasmo. Com a «muleta» mostrou ter conhecimentos bastantes para se não deixar surpreender pelas investidas desleais dos difíceis adversários que lhe soltaram, em duas efêmeras «faenas» de castigo, cujo incontestável mérito se ovacionou com toda a justiça. Os dois espanhóis repartiram assim, entre si, as poucas palmas que se ouviram durante a noite, pósto que Gregório Garcia teve uma actuação mais que modesta, quasi compromettedora, uma actuação que não achavamos possível num toureiro de tão bravo temperamento, não tanto pelo pouco que fez, nem mesmo por deficiências técnicas que vieram a lume quando a beleza de execução esteve por baixo, mas principalmente porque nem a nota de valentia deu — perdendo-se assim a sua personalidade no que tinha de mais vincadamente notório. Um garraio manso perdido, e o que é pior, mal intencionado, deu lugar a hesitações que podem qualificar-se de um recelo que não parecia possível em Garcia. Esse recelo o comprometeu porque lhe furtou decisão, até mesmo a badarilhar, pois — pasma! — Gregório chegou a cravar um par verdadeiramente mau! Os únicos momentos de emoção que forneceu, éle que tem sido uma fonte de arrepios, foram aquêles em que esteve no solo, derrubado pelo toiro. É claro que com tal disposição de espírito, esse rapaz que saiu a tourear levando sobre os ombros o péso imenso das mais vivas discussões, que sentia pressa a si milhares de olhos confiantes, não pôde dominar-se, acabando por esquecer que o oitavo toiro «passava» e teria permitido a «faena» se outro fosse o terreno escolhido e não tem usurpado aquêle que só ao antagonista pertencia. De tudo isto resultou que, de verdadeiramente bom, Gregório tivesse apenas duas ou três «verónicas» — talvez as melhores que ainda lhe vimos — e um grande par de bandarilhas nos «médios», o que, perdido num conjunto incaracterístico, foi pouco, muito pouco para o que o público esperava. Assim mesmo, porém, não deixamos de confiar em Garcia porque não se apaga facilmente da memória dos bem intencionados tudo quanto de bom tem feito entre nós, e a animação que veio dar a uma época que se arrastava com um interesse muito relativo, nem tão pouco que éle arranca das bocas dos pladistas aquêlé grito que já era obrigatório em todas as corridas: — Arríma-te!

Garcia teve uma noite fraca, como todos os toureiros as têm, por maiores que sejam; não deve, pois, concluir-se que essa actuação «gris» repre-

sente declínio ou sequer quebra de ânimo. Estamos certos de que outra virá de triunfo, como as anteriores, pois o mexicano tem brio bastante para que numa próxima corrida resgate sobejamente o que, como toureiro de vergonha que é, julgáramos que ficou devendo ao público e à «cafiçona».

Correia, o excelente bandarilheiro que sempre agrada ver, com extraordinária decisão e valentia, arrancou de sobre Garcia um toiro que temava em não se afastar do local da colhida. Ovíu, por isso, muitas e justíssimas palmas, bem como pela «brega» que fez, assim como Procópio.

Bandarilhando os otiros de «El Choni», Saraiva melhor que Sossoni, e Manuel dos Santos na «inteligência», dirigiu perfeitamente, abreviando a lide das rezas que mais perigo ofereciam, e muito bem, pois que se é certo que todos os toureiros se devem tourear até ao fim, não há necessidade de o consentir quando, nenhum interesse pode resultar da lide, uma vez que a morte do toiro não é o final a atingir.

— Na tarde de 27, ofereceu o sr. Conde da Esperança um «Pôrto de Honra» aos novilheiros Gregório Garcia e Pepe Dominguin, pretexo para declarar todo o seu apreço pelos triunfadores do Campo Pequeno. Foi uma hora passada com verdadeiro prazer, entre aficionados e críticos, todos unânimes em manifestar o seu reconhecimento ao amável promotor de tão simpática festa, a que uma orquestra deu maior brilho executando os dois «casso-dobles» dedicados por aquêlé fidalgo aos referidos toureiros.

(Crónica e desenhos de JAIME DUARTE DE ALMEIDA)

Apessima qualidade das rezas dos senhores infante da Câmara fizeram malograr quasi completamente o éxito da corrida do passado dia 28 no Campo Pequeno, organizada de molde a dar as maiores garantias de um espectáculo animado e agradável, tão excelentes eram os elementos anunciados. Se exceptuarmos o primeiro e o último dos toiros corridos que, sem nada de espantar, reuniam no entanto algumas qualidades, os demais de forma alguma podiam permitir um toureio lúcido e completo, do que resultou uma monotonia que só raramente foi quebrada por um ou outro momento brilhante, conseguido à força de muita vontade e não menor risco da parte dos toureiros.

João Nuncio, no que abriu praça, desenvolveu um toureio vistoso em que há a destacar uma excelente «tirra» e um curto de boa marca. Sendo este o melhor toiro da noite, o cavaleiro de Alcaer bem poderia ter ido mais além. No quinto, um manso que obrigou a marrar à custa de se expor em «galeos» lindíssimos, pisando os terrenos do toiro com impressionante gathardia, teve João dois ferros compridos muito bons e outros tantos curtos óptimos, aplaudindo-se-lhe a arte e a diligência e perdendo-se-lhe dois toques de montada por matarás num adversário que não era certo. Ovíu palmas durante as lides, e, no final, salu aos «tercios» a receber ovações.

Pepe Dominguin ratificou o «cratel» conquistado na apresentação, lidando com verdadeiro domínio e sentido artístico, dois toiros que nada tinham de bom. Com o capote tirou belas «verónicas», arrimadas e finas, umas «gaoneras» temerárias, conseguindo com as bandarilhas, entre os vários pares que cravou, um, verdadeiramente, assombroso de vista e em que patenteou facilidades raríssimas. Com a «muleta», em duas «faenas» breves, como convinha, apontámos dois passes com a direita, da melhor qualidade, adornos valentes e se mais não fêz foi porque os toiros mais não deram.





GIRAUD quase deu a volta ao mundo afectivo da França. Esteve em Washington, visitou Londres e regressou à África do Norte, hoje, mais do que nunca, quartel general francês e centro activo de uma pátria que se organiza e se recompõe para a jogada final da guerra. Vemos, na foto, Giraud e De Gaulle — dois fulcros de actividade, duas correntes políticas que se dão as mãos. Giraud foi agora nomeado comandante-chefe de todas as forças francesas; e o general De Gaulle foi nomeado Presidente do Conselho de Defesa Nacional.